
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (I)*

• Ulrich Huar**

Prefácio

A presente monografia foi escrita nos últimos dois anos. Foi publicada na coleção de opúsculos para a educação marxista-leninista do Partido Comunista da Alemanha, num conjunto de treze cadernos. Ao nível do conteúdo, os cadernos são, no essencial, idênticos à monografia. Das circunstâncias da publicação dos cadernos em momentos temporais diferentes, em que cada um pode ser lido independentemente, resultaram algumas repetições de texto na monografia, que não eliminei.

O general do exército A.I. Antónov é designado, na literatura soviética, como Chefe do Estado-Maior e como representante do Chefe do Estado-Maior. Esta função foi desempenhada em momentos diferentes por generais diferentes, como pelo marechal Chápochnikov e pelo marechal Vassiliévski. Daqui resulta, na monografia, uma insegurança respeitante a Antónov, que é umas vezes designado Chefe outras representante do Chefe.

Quero agradecer as indicações críticas fundamentadas sobre este livro, mesmo que não tenha podido considerá-las todas na monografia.

Ulrich Huar, Berlim, 2006,

* **Nota do Editor:** A presente obra de Ulrich Huar, historiador alemão entretanto já falecido (ver nota biográfica), é constituída por cinco capítulos e mais de 500 páginas, tendo sido editada na Alemanha por Ernst Thälman Verlag, Berlim, 2006. A tradução que aqui apresentamos refere-se apenas ao capítulo inicial (que se publica em duas partes), antecedido do prefácio do autor. O leitor encontrará no final um índice de nomes, com pequenas notas biográficas das figuras referidas ao longo desta obra, acrescentado pela presente edição.

** **Ulrich Huar** nasceu em 1924. Durante a II Guerra Mundial prestou serviço na Marinha de Guerra (1941-1945). Depois da sua libertação como prisioneiro de guerra completou um curso à distância de História e Geografia (1947-1949). Foi professor de ambas as disciplinas e também de inglês até 1956 em várias escolas secundárias. Trabalhou até 1964 no Instituto de Formação de Professores Clara Zetkin, depois na Faculdade de Economia Bruno Leuschner, onde permaneceu até à anexação da RDA, em 1989. Doutorou-se em 1968 com o tema «Sobre a propaganda de Goebbels em 1943, ano da grande reviravolta», fazendo um segundo doutoramento, em 1978, sobre o tema «Pessoas e política na história e no presente». Em 1980 foi nomeado Professor. Publicou vários trabalhos sobre teoria da história do socialismo científico e sobre história militar e política em revistas científicas alemãs e estrangeiras. Faleceu em 2008. (N.T.)

Capítulo I

Stáline, militar na Guerra Civil e de Intervenção de 1918-1920

Pressupostos teóricos

Observações históricas sobre Stáline, enquanto teórico militar ou Comandante Supremo, que não são uma e a mesma coisa, são feitas, na maioria dos casos, no contexto da Grande Guerra Pátria da União Soviética. Isto é compreensível na medida em que, no que diz respeito à sua intensidade, armamento, número de tropas e perdas não é comparável à Guerra Civil e de Intervenção. Batalhas de envolvimento com milhões de combatentes, combates de tanques com milhares de tanques, utilização de milhares de aviões de combate, sectores da frente às vezes com mais de mil quilómetros de largura e uma profundidade de 50 a 100 quilómetros, frentes de combatentes com quilómetros de largura ainda não existiam na Guerra Civil e de Intervenção. Na Grande Guerra Pátria, Stáline era comandante-em-chefe. Na Guerra Civil e de Intervenção era membro do Conselho Militar Revolucionário da República.

Stáline foi várias vezes enviado às frentes da Guerra Civil e de Intervenção, como comissário político militar do CC do PCR(b), pelo Conselho Militar ou por indicação directa de Lénine, especialmente quando aí existiam situações críticas para o Exército Vermelho.

Nestas funções, Stáline demonstrou habilidade militar e conhecimentos teóricos da política e da guerra, que são principalmente demonstráveis na sua actuação na frente Sudoeste contra os «senhores» polacos e na frente Sul contra Deníkine.

Em primeiro lugar, ocupemo-nos da questão dos pressupostos teórico-militares de que dispunha Stáline neste período de 1918-1920.

A teoria militar marxista já tinha sido trabalhada, nos seus traços principais, nas obras de Marx e Engels, principalmente nos artigos de história e teoria militar de Engels, que é justamente considerado o fundador da teoria militar marxista.

Como em qualquer nova teoria, também Engels teve de reportar-se ao material teórico-militar já existente, nomeadamente às obras do mais importante teórico militar prussiano, Carl von Clausewitz (1780-1831), especialmente à sua obra principal *Da Guerra*.

Clausewitz desempenhou na teoria militar marxista quase o mesmo papel que Hegel no aperfeiçoamento da dialéctica materialista. Se Marx colocou «a cabeça nos pés» na dialéctica hegeliana, o mesmo se pode dizer de Engels no que diz respeito à teoria militar de Clausewitz. Mais tarde, Lénine foi da opinião de que as ideias de Clausewitz estavam fecundadas pelas de Hegel.¹ Marx e Engels chamaram a atenção, em várias obras, em

¹ «A falência da II Internacional», in LW 21/213. [L(enin) W(erke). Lénine *Obras*. Esta designação será utilizada nas notas de rodapé sem tradução (NT)] [Cotejado com o original russo, V.I. Lénine, *Obras Completas*, Moscovo, 1969, tomo 26, p. 224. (N. Ed.)]

parte directa, em parte indirectamente, reconhecível a partir do contexto das obras, para a compreensão da dialéctica da guerra na obra de Clausewitz. Referências directas a Clausewitz aparecem em Marx e Engels, contudo, só no início dos anos 50 do séc. XIX. Isto não significa que não tenham existido antes artigos de história militar ou de teoria militar de Marx e Engels. Lembre-se aqui somente os trabalhos de Engels «A campanha constitucional alemã» e «A Guerra Camponesa Alemã», ambos escritos em 1850.

Numa carta a Marx de 7 de Janeiro de 1858, Engels escreveu: «*Leio agora, entre outras coisas, Da Guerra de Clausewitz. Estranha forma de filosofar, mas muito bom. À pergunta se se tem de chamar Arte da Guerra ou Ciência da Guerra, a resposta é que a Guerra se parece mais com o comércio.*»

«*O combate é na Guerra o que é o pagamento em dinheiro no comércio, por muito raro que tenha de acontecer na realidade, tudo aponta afinal para isso e no fim tem portanto que acontecer e decidir.*»²

No seu artigo «Verdade confirmada», de 4 de Agosto de 1859, Marx refere-se a uma passagem de Clausewitz sobre a campanha militar italiana de 1796-97, segundo a qual «*a guerra na verdade não é um acontecimento tão teatral como algumas pessoas parecem pensar e as vitórias e derrotas, analisadas com os olhos da ciência, apresentam-se de forma muito diferente do que nas cabeças dos tagarelas políticos.*»³

Engels remete, no seu artigo «A luta em França», de 11 de Novembro de 1870, para Scharnhorst, Gneisenau e Clausewitz no que concerne à luta popular contra o domínio estrangeiro napoleónico na Prússia.

Clausewitz e Gneisenau investigaram de forma muito rigorosa a luta popular, o armamento do povo em Espanha e na Prússia, no final do séc. XVIII, início do séc. XIX. Gneisenau foi mesmo para Espanha para participar na luta de guerrilha contra Napoleão.

Na luta popular na Prússia deviam participar «*todos os rapazes entre os 17 e os 20 anos e os homens entre os 40 e os 60 anos*», nos «*tumultos da região*», um «*levée en masse*»,⁴ «*nas costas e nos flancos do inimigo*», «*dificultar os seus movimentos*», «*cortar os seus correios e acessos*», «*utilizar todo o género de armas*», preocupar o invasor, principalmente «*não trazer uniforme de nenhum género, para que possam manter-se desconhecidos para o invasor, o inimigo.*»⁵

Não é difícil reconhecer que aqui se encontram indirectamente reflectidas as afirmações de Clausewitz sobre o «*armamento do povo*» na sua obra *Da Guerra*, que viriam a encontrar a sua concretização, cerca de um século mais tarde, numa até aí desconhecida dimensão, na guerra de guerrilha.

Sobre a relação dialéctica entre guerra e política, a famosa tese de Clausewitz da guerra como continuação da política por outros meios violentos encontra-se referida nas obras de Marx e Engels, de acordo com o índice remissivo, muito para além da centena de vezes. Podem diferenciar-se em quatro grupos: 1. Guerra como meio para evitar uma

² MEW 29/252. Cf. Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, 18ª Ed., ed. por Dr. Werner Hahlweg, Bona, 1973. Segundo livro, 3.º Capítulo. A partir de agora refere-se Hahlweg... [M(arx)E(ngels)W(erke), nome da edição alemã das *Obras Completas* de Marx e Engels. Esta designação será utilizada nas notas de rodapé. (N.T.)]

³ MEW 13/440.

⁴ Em francês no original, «levantamento em massa». (N.T.)

⁵ MEW 17/710.

«*revolução iminente*»; 2. Guerra de agressão para desviar a atenção de dificuldades internas; 3. Guerras revolucionárias para impor o progresso social; 4. Como de decisões políticas resultam guerras, várias indicações de Engels de que a anexação da Alsácia-Lorena conduzia a uma coligação entre a França e a Rússia e por fim a uma Europa «*com uma crise de ameaça de guerra*».⁶

Clausewitz não foi naturalmente o único teórico militar reflectido nas obras de Marx e Engels. (Não posso aqui referir-me aos trabalhos de Marx e Engels sobre as insurreições revolucionárias na China e na Índia assim como sobre a guerra civil americana.)

Importantes para o nosso tema são as investigações exactas das guerras napoleónicas no final do séc. XVIII, início do séc. XIX, das guerras de libertação de 1812-13, as teorias da guerra de Napoleão, Suvórov e Kutúzov. Sem dúvida que Engels fez avaliações erradas, que se explicam pela situação das fontes à época, como a avaliação negativa de Kutúzov e a exagerada apreciação de Barclay de Tolly.⁷ Quando Engels, num artigo de 14 de Dezembro de 1854, foi da opinião de que nenhum general russo jamais tivera um pensamento original, nem mesmo Suvórov, «*cuja única originalidade [era] o avançar directo*», isto parece ser uma inadmissível generalização, que também resultou dos erros e lacunas das fontes da época.⁸

Em trabalhos posteriores, Engels refere-se positivamente a Suvórov. Assim no seu artigo «Pó e Reno» (escrito em Fevereiro/Março de 1859), refere-se à travessia dos Alpes pelo exército russo, sob o comando de Suvórov, na qual os russos seguiram o difícil trilho do desfiladeiro de Panixer, com oito mil pés (2800 metros) de altitude, para se desviarem do exército francês, então mais forte. «*Esta travessia foi até aí a mais espectacular de todas as travessias modernas dos Alpes*», escreveu Engels, e citou Suvórov, segundo o qual «*a baioneta russa atravessou os Alpes (ruski stik prognal tcheres Alpov)*».⁹

Lénine e Stáline conheciam as respectivas obras de Marx e Engels. Foram assim uma fonte teórica para a elaboração da sua teoria militar, das suas estratégias militares e da sua concretização na prática. Lénine estudou profundamente as obras de Clausewitz, como o demonstram as suas sínteses e notas à margem sobre *Obras Póstumas do General Clausewitz sobre a Guerra e a Condução da Guerra, Da Guerra, Tomo I, Berlim, 1832*.¹⁰

Lénine interessou-se pelas exposições de Clausewitz sobre a dialéctica da guerra assim como pelo famoso capítulo VI, alínea B da terceira parte do 8.º livro, «A guerra é um instrumento da política», que ele designou como «*o capítulo mais importante*».¹¹

Provavelmente Lénine escreveu esta nota em 1915, à luz das condições e da correlação de forças da luta de classes do proletariado à escala internacional então existentes, da

⁶ MEW 21/447.

⁷ MEW 14/89 e 247-249, nota de rodapé 64.

⁸ F. Engels, «A batalha de Inkerman», MEW 10/566.

⁹ MEW 14/233, ver também MEW 13/113.

¹⁰ Lénine, *A Obra de Clausewitz Da Guerra. Excertos e anotações à margem*, Editora do Ministério da Defesa Nacional, Berlim, 1957. Este artigo não está incluído na edição das obras de Lénine em língua alemã. Será citado da forma seguinte «*Excertos...*»

¹¹ Idem, ibidem, p. 35. Os excertos de Lénine referem-se à edição de 1832, publicada pela viúva de Clausewitz. No essencial está de acordo com a 18ª edição de Hahlweg e com a de Ernst Engelbert e Otto Korfes, publicada pela Editora Militar da RDA em 1957.

aproximação da revolução, sob as condições da guerra mundial. Outras anotações isoladas sobre os excertos encontram-se também em artigos de Lênine do mesmo período.

O primeiro excerto que se encontra em Lênine é a frase de Clausewitz: «A guerra é uma mera continuação da política por outros meios.»¹²

Clausewitz: «Temos de sublinhar aqui, para o leitor não ter ideias falsas, que por esta tendência natural da guerra se entende apenas a filosófica, a na realidade lógica, e de modo nenhum a tendência das forças realmente envolvidas no conflito, o que faria, por exemplo, que se devesse imaginar dessa forma todas as forças do espírito e paixões dos combatentes.» Anotação à margem de Lênine: «Início da separação do objectivo do subjectivo»¹³

«Exemplos da dialéctica» é a nota escrita e fortemente sublinhada por Lênine à margem da frase: «Tinha de se passar do significado prático, mas certamente vago que tem o conceito de um país – chave nas narrativas dos generais quando falam das suas operações militares, para um mais categórico, ou seja, unilateral, para se desenvolver a partir daí um sistema.» Anotação à margem de Lênine: «categórica = unilateral».¹⁴

Clausewitz sobre a direcção do exército: «Sem uma vontade autoritária imperiosa, que se imponha até à última fileira, não é possível uma boa condução do exército e quem queria seguir o hábito de acreditar e esperar sempre o melhor das pessoas era, só por isso, totalmente inapto para uma boa condução do exército.» Nota à margem de Lênine: «um bom chefe (...) e desconfiar das pessoas.»¹⁵

As guerras da Revolução Francesa ultrapassaram, de acordo com Clausewitz, as habituais teorias da guerra (Lênine: «Guerra = jogo»). Como estas guerras revolucionárias «abriram de uma só vez um mundo completamente diferente de manifestações guerreiras – no início ainda um pouco grosseiras e naturalistas e, mais tarde, sob Bonaparte, concentradas num método grandioso –, geraram êxitos que fizeram o espanto de velhos e novos: aí abandonou-se o velho esquema e acreditava-se agora que tudo era a consequência das novas descobertas, ideias excepcionais, etc., mas também certamente das alteradas condições sociais. Agora acreditava-se não se precisar mais do antigo e também não se ter mais que o viver. Mas, como em tais revoluções de opinião aparecem sempre partidos, assim também aqui as velhas ideias encontraram os seus cavaleiros, que consideram as novas manifestações como ímpetos grosseiros de violência, como uma decadência geral da arte, e acreditam que, precisamente, o objectivo do treino tem de ser o jogo de guerra equilibrado e infrutífero. Esta última oposição baseia-se numa tal carência de lógica e filosofia que só se lhe pode chamar uma frustrante confusão de conceitos. Mas também a opinião oposta, como se tal não aparecesse mais, é muito irreflectida. Uma minoria das novas manifestações na área da arte da guerra deve atribuir-se a novas descobertas ou novas ideias e a maioria às novas condições e relações sociais.» Nota à margem de Lênine: «Exacto!»¹⁶

¹² *Excertos...*, p. 15.

¹³ *Idem*, *ibidem*, p. 16.

¹⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 25 e seg.

¹⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 27.

¹⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 29 e seg.

De acordo com Clausewitz, o povo no séc. XVIII não tinha nenhuma participação directa na guerra: «A revolução [francesa] transformou tudo isto. A guerra transformou-se subitamente de novo num assunto do povo. (...) todo o povo entrou com o seu peso natural no prato da balança».

«Desde Bonaparte, portanto, a guerra tomou uma natureza completamente diferente, primeiro por um lado, depois também por outro, ao se ter tornado num assunto de todo o povo, ou melhor, ela aperfeiçoou muito a sua verdadeira natureza, a sua perfeição absoluta. Os meios que foram recrutados não tinham nenhuma fronteira visível, esta perdeu-se na energia e no entusiasmo dos governos e dos seus súbditos.»
Notas à margem de Lénine: «Importante (mas uma inexactidão: a burguesia e talvez o todo) (...) “Energia” N.B. “Entusiasmo” dos súbditos.»¹⁷

No excerto do acima citado sexto capítulo, «o mais importante», Clausewitz afirma: «É decerto sabido que a guerra só é provocada pela relação política dos governos e dos povos; mas normalmente pensa-se que com ela desaparece qualquer forma de relações e que se inicia uma situação completamente diferente, que só está sujeita às suas próprias leis.

Nós afirmamos pelo contrário: a guerra não é mais do que a continuação da relação política com a intervenção de outros meios. Dizemos com intervenção de outros meios para com isso afirmar simultaneamente que esta relação política não desaparece através da guerra, não se transforma em algo completamente diferente, mas que continua a existir na sua essência, independentemente de como os meios se constituem, de quem se serve deles e de quais as linhas principais, em que os acontecimentos bélicos continuam e estão ligados, e que mais não são que os seus traços principais, que se prolongam através da guerra até à paz.

E como seria concebível de outra forma? Cessam alguma vez as relações políticas de diferentes povos e governos com as notas diplomáticas? Não é a guerra simplesmente uma outra forma de escrita e linguagem do seu pensamento? Ela tem certamente a sua gramática própria, mas não a sua própria lógica.»¹⁸

Esta afirmação encontra-se resumida na nota de roda pé do artigo de Lénine «A falência da II Internacional», de Junho de 1915, na polémica com Plekhánov.¹⁹

Lénine sublinhou fortemente à margem estas frases.

Clausewitz escreveu que a guerra enquanto tal não seguia «as suas próprias leis», mas tinha que «ser observada como uma parte de uma outra totalidade (...) essa totalidade é a política.» Sublinhado fortemente por Lénine à margem com a nota: «Guerra = parte de uma totalidade», «essa totalidade = política.»²⁰

Clausewitz pressupunha que a política «em si» «unia e equilibrava» todos os interesses da administração interna, os da humanidade e tudo o mais que a razão filosófica podia expressar. A política «não é nada em si, mas sim uma simples administradora de todos estes interesses contra outros estados. Que eles [os interesses] tenham uma direcção falsa, possam servir de preferência a ambição, o interesse

¹⁷ Idem, ibidem, p.32.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 35 e seg.

¹⁹ LW 21/212.

²⁰ Lénine, *Excertos...*, p.37.

privado, a vaidade dos governantes não é para aqui chamado.» Sublinhado fortemente por Lénine com a nota: «*N.B. um passo para o marxismo.*»²¹

Clausewitz continua: «*Só podemos aqui considerar a política como representante de todos os interesses de toda a sociedade.*» Sublinhado fortemente por Lénine.²²

Clausewitz observa a propósito do primado da política sobre a guerra: «*A subordinação da perspectiva política à militar seria paradoxal, já que a política gerou a guerra; ela é a inteligência, a guerra simplesmente o instrumento e não o contrário. Só é, portanto, possível a subordinação da perspectiva militar à política.*»²³ «*Cada guerra*», pensava Clausewitz, tem «*antes de tudo de ser compreendida de acordo com a probabilidade do seu carácter e do seu principal contorno (...), como é consequência dos significados e relações políticos e frequentemente, sim, podemos afirmar hoje em dia, na maioria [das situações] a guerra tem de ser compreendida como uma totalidade orgânica, da qual não se deixam isolar os membros individuais, onde portanto cada actividade individual conflui na totalidade e tem de provir da ideia desta totalidade: assim torna-se-nos completamente seguro e claro, que o critério supremo para a direcção da guerra, do qual resultam as linhas principais, não pode ser nenhum outro que o da política.*

«*Deste ponto de vista a História (...) torna-se (...) inteligível*» – esta é a última frase sublinhada por Lénine.²⁴

Clausewitz escreveu que a guerra «*em si (...) na sua natureza e na sua forma sofreu mudanças significativas.*» Estas mudanças «*resultam das mudanças políticas, as quais provêm da Revolução Francesa tanto para a França como para toda a Europa.*» Nota à margem de Lénine: «*Correcto*».

«*Esta política*», segundo Clausewitz, «*tinha convocado outros meios, outras forças e através disso possibilitado uma energia na condução da guerra, na qual não seria possível pensar sem eles.*»²⁵

Resta sublinhar que os *Excertos* de Lénine, naturalmente, não abrangem a totalidade da obra *Da Guerra*, de Clausewitz.

Concorda-se com o historiador militar da RDA, Gerhard Förster, quando escreve: «*Assim como a filosofia alemã clássica se tornou numa das fontes do marxismo-leninismo, a herança teórica de Clausewitz pertence às fontes da doutrina marxista-leninista sobre a guerra e as forças armadas.*» Förster cita também o investigador burguês de Clausewitz, Hahlweg, que caracterizou «*Lénine como o intérprete perfeito de Clausewitz*», e «*o estudo de Lénine da obra de Clausewitz relaciona-se directamente com a sua elaboração dos mais importantes princípios da estratégia e táctica dos bolcheviques.*»²⁶

²¹ Idem, ibidem, p. 39.

²² Idem, ibidem,

²³ Idem, ibidem

²⁴ Idem, ibidem, p. 39 e seg.

²⁵ Idem, ibidem, p.41.

²⁶ Werner Hahlweg, *Lénine e Clausewitz*, in Arquivo para a História da Cultura, Münster e Colónia, 1954, Tomo XXXVI, Caderno I, p. 30 e seg. Citado de acordo com Carl von Clausewitz, *Obras Militares Escolhidas*, editado por Gerhard Förster e Dorothea Schmidt com colaboração de Christa Gudzent, Berlim, 1980, p. 40.

Lénine referiu-se várias vezes a Clausewitz nas suas obras sobre questões militares durante a I Guerra Mundial. Na polémica contra a «*dialéctica deformada*» de Plekhánov, que defendia a tese da «*defesa da pátria*» na guerra imperialista, Lénine remeteu para a tese de Clausewitz da guerra de que «*é a mera continuação da política por outros meios*» (precisamente violentos).»²⁷ Na nota de rodapé citava a respectiva passagem da obra de Clausewitz *Da Guerra*.²⁸ Esta era a formulação de Clausewitz «*cujas ideias foram fecundadas por Hegel. E este era precisamente o ponto de vista de Marx e Engels, que interpretaram cada guerra como a continuação da política de determinadas potências interessadas – e das diferentes classes no seu interior – num dado momento.*»²⁹

Na sua brochura *O Socialismo e a Guerra* (Julho-Agosto de 1915) Lénine precisou este pensamento: «*A guerra é a continuação da política por outros meios (a saber: pela violência). Esta célebre sentença pertence a Clausewitz, um dos autores mais profundos sobre questões militares. Os marxistas sempre consideraram justamente esta tese como base teórica das concepções sobre o significado de cada guerra determinada. Marx e Engels sempre encararam as diferentes guerras precisamente deste ponto de vista.*»³⁰

Dois anos mais tarde, depois da Revolução de Fevereiro, Lénine, na sua conferência «*A Guerra e a Revolução*», referiu-se às afirmações de Clausewitz a este respeito, notando que na guerra [pelo regime socialista (*N. Ed.*)] somos inevitavelmente confrontados com condições, nas quais a luta de classes dentro de cada nação em separado pode deparar-se com a guerra entre diferentes nações, engendrada por si própria, por essa luta de classes, e por isso os comunistas não podem negar a possibilidade de guerras revolucionárias. «*Temos de perceber de que condições históricas resultou a guerra em questão, que classes a conduzem e com que objectivo o fazem.*»³¹

Já Clausewitz, cerca de 80 anos antes da conferência de Lénine, havia ridicularizado a opinião de que, supostamente, «*os povos viviam em paz e de repente atacaram-se! Como se isto fosse verdade! Acaso a guerra pode ser explicada sem a relacionar com a política precedente de um dado Estado, de um dado sistema de estados, de dadas classes? Repito mais uma vez: esta é a questão fundamental permanentemente esquecida, devido à incompreensão da qual nove décimos das conversas sobre a guerra se transformam em alterações ocas e em trocas de palavreado. Nós dizemos: se não estudarem a política de ambos os grupos das potências beligerantes ao longo de decénios – para evitar riscos e não tomar exemplos isolados fora de contexto – se não expuserem a relação dessa guerra com a política precedente, então não compreenderão nada dessa guerra.*»³²

²⁷ «A Falência da II Internacional», in LW 21/212. [V.I. Lénine, *Obras Completas*, Moscovo, 1969, tomo 26, p. 224. (*N. Ed.*)]

²⁸ Idem, ibidem cf. “*Excertos...*”, p. 35 e seg.

²⁹ LW 21/213.

³⁰ LW 21/304 e seg. [*O Socialismo e a Guerra*, V.I. Lénine, Lisboa, 1984, tomo II, pág. 234. (*N. Ed.*)]

³¹ LW 24/396. [A conferência «A Guerra e a Revolução» foi lida em Petrogrado para uma assistência de duas mil pessoas em 14 (27) de Maio de 1917. (*N. Ed.*)]

³² Idem, ibidem, p. 400. [«A Guerra e a Revolução», V.I. Lénine, *Obras Completas*, Moscovo, 1969, tomo 32, p. 82. (*N. Ed.*)]

Ao relacionarem a guerra e a política com as classes, a luta de classes e os interesses de classes, Marx e Engels já tinham ultrapassado Clausewitz. Mas Marx e Engels só podiam analisar a guerra e a luta de classes no contexto dos séculos XVIII e XIX, quando a revolução proletária ainda não se encontrava na ordem do dia. Não viveram a I Guerra Mundial, em consequência da qual amadureceu a revolução proletária, bem como as revoluções nacionais-democráticas na Ásia, conferindo uma actualidade candente à questão guerra/luta de classes/revolução.

No que diz respeito à teoria da guerra é possível identificar uma linha de continuidade entre Hegel e Clausewitz, passando por Marx e Engels até Lênine, a par de descontinuidades relativas ao conteúdo de classe burguês-aristocrata da vertente conservadora da filosofia e da teoria da guerra de Hegel e de Clausewitz, respectivamente, que foram refutadas dialecticamente.

Um outro desenvolvimento dialéctico-materialista da teoria da guerra é patente na exposição de Lênine a propósito da paz de Brest. Lênine demonstrou a aplicação, na prática, da teoria de Clausewitz em renhidas discussões sobre a assinatura do tratado de paz de Brest-Litovsk no CC do POSDR(b),³³ no Conselho dos Comissários do Povo, assim como no Comité Executivo Central. (As negociações entre as delegações alemã e soviética iniciaram-se a 3 de Dezembro de 1917. A 3 de Março de 1918 foi assinado o tratado.)

A delegação das forças alemãs e austríacas exigiu uma paz imperialista: Polónia, Lituânia, uma parte da Estónia, Letónia, Bielorrússia, a Ucrânia, o arquipélago de Moonsund e a baía de Riga deviam ser separadas da Rússia. Desta forma, os imperialistas alemães podiam controlar as rotas marítimas para a Finlândia e para o Golfo de Bótnia e assim ameaçar directamente Petrogrado.³⁴

Alguns membros do partido que se auto-intitulavam «comunistas de esquerda» fizeram uma campanha contra a assinatura do infame acordo. Bukhárine, Béla Kun, A. Kollontai, Kúibichev, Preobrajénski, Piatakov, Rádek, Skvortsov-Stepánov, para só nomear alguns, pertenciam a este grupo. Trótski assumiu uma posição muito especial. Alegava que as unidades alemãs não se encontravam em condições de conduzir uma ofensiva contra a União Soviética e propagandeava a solução «*nem guerra, nem paz.*» Simultaneamente propôs a desmobilização das forças armadas. Esta política perante os militaristas alemães era mortal para a União Soviética.³⁵

Stáline, que apoiara Lênine nestas polémicas com os «comunistas de esquerda» e contra a tese aventureira de Trótski, declarou na reunião do POSDR(b), de 11 de Janeiro de 1918, que a adopção da palavra de ordem da «*guerra revolucionária*» jogaria a favor dos imperialistas. Stáline via muito claramente (talvez até mais nitidamente que Lênine...) que não existia «*movimento revolucionário no Ocidente*». «*Não existem factos de um movimento revolucionário, existe apenas essa potencialidade, ora nós não podemos apoiar-nos na nossa prática unicamente numa potencialidade. Se os alemães iniciarem uma ofensiva, isso reforçará a contra-revolução no país. (...) Aceitando a*

³³ Partido Operário Social-Democrata da Rússia (bolchevique). (NT)

³⁴ Ver I.B. Bérkhine, *História da União Soviética, 1917-1970*, Berlim, 1971, p. 98.

³⁵ Idem, *ibidem*.

política de Trótski, criaremos as piores condições para o movimento revolucionário no Ocidente.»³⁶

Lénine não conseguiu inicialmente impor-se no CC do POSDR(b). A maioria dos camaradas votou contra a assinatura do tratado. Ficou também em minoria, com Stáline, Sverdlov, F.A. Serguéiev (Artiôme) e mais alguns camaradas, no Conselho dos Comissários do Povo e no Comité Executivo Central, onde os mencheviques e os socialistas-revolucionários eram maioritários.

Lénine tinha combinado com Trótski, o chefe soviético nas negociações, para que ganhasse tempo e só assinasse o tratado de paz depois de expirado o prazo do ultimato imposto pelos militaristas alemães. Trótski violou prepotentemente este acordo. No VII Congresso Extraordinário do PCR(b) (6-8 de Março de 1918), Lénine declarou no seu discurso final, a propósito da questão da guerra e da paz, que era preciso distinguir dois aspectos da actividade de Trótski: *«Quando começou as negociações de Brest, aproveitando-as magnificamente para a agitação, todos estivemos de acordo com o camarada Trótski. Ele citou uma parte da conversa que teve comigo, mas eu acrescentarei que tínhamos combinado que nos manteríamos até ao ultimato dos alemães e que depois do ultimato capitularíamos. O alemão enganou-nos: de sete dias roubou-nos cinco. A táctica de Trótski era justa na medida em que visava protelar as coisas; tornou-se injusta quando se declarou o fim do estado de guerra e não se assinou a paz. Eu propus de modo absolutamente definido que se assinasse a paz. Não podíamos conseguir uma paz melhor que a de Brest. Está claro para todos que a trégua teria sido de um mês, que não teríamos ficado a perder.»*

E mais à frente, numa outra passagem: *«É ridículo não conhecer a história militar, não saber que um tratado é um meio para reunir forças: aludi já à história prussiana. Alguns pensam precisamente como crianças: assinar um tratado significa vender-se a Satanás, ir para o inferno. Isto é simplesmente ridículo, quando a história militar diz com perfeita clareza que a assinatura de um tratado em caso de derrota é um meio para reunir forças.»³⁷*

A consequência do comportamento errado de Trótski, assim como dos «comunistas de esquerda», foi uma ofensiva do exército alemão em toda a linha da frente: ofensiva na direcção de Petrogrado, invasão da Ucrânia e Bielorrússia, conquista da Lituânia e Estónia onde liquidaram o poder soviético.

Literalmente no último minuto, o Soviete de Deputados do Povo tomou medidas para fazer face à situação, que caracterizou como: *«A pátria socialista está em perigo!»*. Os bolcheviques conseguiram mobilizar trabalhadores em Petrogrado, Moscovo e outras regiões industriais, formaram unidades do Exército Vermelho, que opuseram forte resistência às tropas alemãs perto de Pskov e Narva e impediram a ocupação de Petrogrado. O dia 23 de Fevereiro de 1918 marcou a data da fundação do «Exército Vermelho».

³⁶ SW 4/24. [S(talin) W(erke). Stáline, *Obras*. Esta designação será a utilizada nas notas de rodapé. (NT) [«Intervenção na sessão do CC do POSDR(b) sobre questão da paz com os alemães», 11 de Janeiro de 1918, I.V. Stáline, *Obras*, Moscovo, 1947, tomo 4, pág. 27. (N. Ed.)]

³⁷ LW 27/100 e 101. [Tradução conforme V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Lisboa, 1981, tomo 2, pp. 515-516. (N. Ed.)]

Também na Ucrânia e na Bielorrússia, a ofensiva alemã encontrou resistência séria, de tal forma que o comando alemão se declarou disponível para reatar as negociações de paz. As condições eram agora ainda mais duras para a Rússia Soviética do que antes, como Lénine esperara. Mas Lénine podia agora impor-se no CC. De acordo com a acta da reunião do CC, Stáline propôs não assinar de imediato, ao que Lénine respondeu: «*Se não assinar agora, dentro de três semanas assinará a sentença de morte do poder soviético.*»³⁸ Não consegui descobrir por que razão Stáline, que no início era a favor da assinatura do tratado, em 23 de Fevereiro quis adiar (não recusou!) a assinatura.

Estes são os factos sobre a paz de Brest.

Lénine, na sua argumentação, comparou a paz de Brest com a paz de Tilsit, entre a Prússia e Napoleão em 9 de Julho de 1807. A Prússia teve de ceder a Napoleão, entre outras, todas as regiões entre o Elba e o Reno, o distrito de Cottbus (à Saxónia), assim como abdicar das regiões já anexadas pela Polónia depois de 1772. Napoleão transformou estas últimas no Grão-ducado de Varsóvia, onde instalou o rei da Saxónia. A Prússia perdeu mais de metade dos seus habitantes. Na «Convenção de Paris», em 8 de Setembro de 1808, a Prússia ficou obrigada a pagar à França 140 milhões de francos (reduzidos para 120 milhões depois da intervenção do tsar). Em caso de uma guerra da França contra a Áustria, a Prússia teria de armar um exército auxiliar.³⁹

Lénine declarou no VII Congresso que «*chamei intencionalmente (...) uma paz de Tilsit*» à paz de Brest. Contudo, em Brest, não tinham assinado obrigações como os prussianos na paz de Tilsit, nomeadamente «*a obrigação de ajudar o conquistador com as nossas tropas para a conquista de outros povos*». E mais à frente, a Rússia Soviética não podia apenas esperar «*pela revolução internacional nos campos de batalha*».⁴⁰

Lénine aprofundou minuciosamente a analogia entre a Paz de Tilsit e a de Brest no seu relatório ao IV Congresso Extraordinário dos Sovietes de Toda a Rússia (14-16 de Março de 1918), no qual aplica amplamente os conhecimentos teóricos militares de Clausewitz à situação da Rússia Soviética.

«*Foram concluídos tratados de paz ainda mais duros, e concluídos pelos alemães numa época em que não tinham exército ou o seu exército estava doente como está doente o nosso exército. Concluíram uma paz duríssima com Napoleão. E esta paz não foi a queda da Alemanha – pelo contrário, ela foi um ponto de viragem, um acto de defesa nacional e de ascenso. Também nós estamos em vésperas de um ponto de viragem semelhante, também nós atravessamos condições análogas. Temos de olhar a verdade de frente e de expulsar a frase e a declamação. Tem de se dizer que, se for necessário, se deve concluir a paz. A guerra libertadora, a guerra de classes, a guerra popular ocupará o lugar da guerra napoleónica. O sistema das guerras napoleónicas mudará, a paz substituirá a guerra, a guerra substituirá a paz, e de cada nova paz duríssima decorreu sempre uma mais ampla preparação para a guerra. O mais duro dos tratados de paz – o de Tilsit – entrou na história como o ponto de viragem para uma época em que o povo alemão iniciava a viragem, em que recuava até Tilsit, até à Rússia, mas na realidade ganhava tempo, esperava que a situação internacional, que*

³⁸ Bérkhine, p. 101.

³⁹ Mais pormenorizadamente veja-se *História Alemã* em três tomos, Tomo 2, 1789-1917, Berlim, p. 72 seg. e 75.

⁴⁰ LW 27/92. [V.I. Lénine, Lisboa, 1981, tomo 2, p. 510. (N. Ed.)]

noutra época permitira que triunfasse Napoleão, tão espoliador como agora Hohenzollern e Hindenburgo, que essa situação mudasse, que sarasse a consciência do povo alemão, martirizado por decénios de guerras napoleónicas e derrotas, e ressuscitasse para uma nova vida. Eis o que nos ensina a história, eis porque são um crime o desespero e a frase, eis porque todos dirão: sim, estão a terminar as velhas guerras imperialistas. A viragem histórica começou.»⁴¹

É sem dúvida correcto que com o Outubro Vermelho se iniciou uma «viragem histórica», na qual Lénine já se preparava para «tempos longos e difíceis». A suposição de que as «velhas guerras imperialistas» chegavam ao fim é compreensível no contexto de 1918, contudo revelou-se extemporânea. Depois da vitória provisória da contra-revolução, as velhas guerras imperialistas conhecem um renascimento funesto, com todas as catástrofes relacionadas para os trabalhadores à escala mundial, cujo fim também não se pode nem de longe indicar.

Lénine também aplicou a teoria da guerra de Clausewitz às tarefas de um general numa situação desesperada como a que se encontrava a Rússia Soviética depois da paz de Brest. No seu artigo «A tarefa principal nos nossos dias», no *Izvéstia* de 12 de Março de 1918, escreveu: «*Um chefe militar que conduz para o interior do país os restos de um exército destruído ou que foge em pânico, que defende esta retirada em caso extremo por meio da paz mais dura e humilhante, não comete uma traição em relação às unidades do exército às quais não tem forças para ajudar e que ficaram cortadas pelo adversário. Tal chefe cumpre o seu dever escolhendo o único caminho para salvar o que ainda pode salvar-se, não aceitando aventuras, não ocultando ao povo a amarga verdade, “cedendo espaço para ganhar tempo”, aproveitando qualquer trégua, por mínima que seja, para reunir forças, para permitir que respire ou se restabeleça o exército que sofre de decomposição e desmoralização.»*

E continua: «*As épocas de guerra ensinam-nos que a paz desempenhou frequentemente na história o papel de trégua e de acumulação de forças para novas batalhas. A paz de Tilsit foi para a Alemanha uma grande humilhação, e, ao mesmo tempo, a viragem para um grandioso ascenso nacional.»⁴²*

Na sua série de artigos no *Pravda*, de 9, 10 e 11 de Maio de 1918, «*Acerca do infantilismo “de esquerda” e do espírito pequeno-burguês*», Lénine referiu-se repetidamente a Clausewitz na sua polémica contra o grupo dos «comunistas de esquerda»: «*Ter uma atitude séria perante a defesa do país significa preparar-se a fundo e ter rigorosamente em conta a correlação de forças. Se as forças são evidentemente poucas, o principal meio de defesa é recuar para o interior do país (quem vir nisto uma fórmula forjada só para este caso pode ler o que diz o velho Clausewitz, um dos grandes escritores militares, acerca do balanço das lições da história a este respeito).»⁴³*

⁴¹ Idem, ibidem, p. 175. [V.I. Lénine, Lisboa, 1981, tomo 2, pp. 551-552. (N. Ed.)]

⁴² Idem, ibidem, p. 149. [V.I. Lénine, Lisboa, 1981, tomo 2, pp. 535-536. (N. Ed.)]

⁴³ Idem, ibidem, p. 324. [V.I. Lénine, Lisboa, 1981, tomo 2, p. 597. (N. Ed.)]

De acordo com os registos da sua biblioteca, Stáline conhecia as obras de Clausewitz, das quais são referidas pelo nome a sua obra modelo *Da Guerra* e o artigo «O ano 1812». Encontravam-se também na sua biblioteca obras de Suvórov, Napoleão, Moltke, E.W. Tarle e outros teóricos militares.⁴⁴

Conhecida é a carta de Stáline ao coronel professor Razine, datada de 23 de Fevereiro de 1946.⁴⁵ Nela distinguiu uma aproximação política geral às teorias militares de Clausewitz e uma específica da ciência militar, notando que Lénine sublinhou duas teses de Clausewitz. A primeira, que «*a guerra é a continuação da política por meios violentos*», a segunda, que «*em determinadas condições desfavoráveis, a retirada representa uma forma tão justa de luta como o ataque.*»

«*Nas anotações ao livro de Clausewitz, Lénine não aborda questões puramente militares*». Até aqui Stáline concordou com Lénine.

Clausewitz, escreveu Stáline, foi um representante do «*período da manufactura*» da guerra. Por isso estava naturalmente obsoleto como autoridade militar no «*período da máquina da guerra*», que exigia «*novos ideólogos militares*». «*Seria ridículo ir hoje às aulas de Clausewitz.*»⁴⁶ Quando esta última frase é retirada do contexto e citada isoladamente, como por vezes acontece, pode atribuir-se a Stáline uma desvalorização da teoria militar de Clausewitz.

Stáline referiu-se não só a Clausewitz, mas também às «*teses e afirmações envelhecidas*» de conhecidas autoridades da teoria militar, incluindo os clássicos do marxismo. Assim, Stáline também criticou a afirmação de Engels citada mais acima, segundo a qual o general Barclay de Tolle era o único dos generais russos do período de 1812 que merecia atenção, tendo assim subestimado Kutúzov.

Não se deve perder de vista que entre a avaliação de Lénine a Clausewitz e a de Stáline tinham passado três décadas, a II Guerra Mundial e, depois de 1945, surgira a ameaça nuclear da parte do imperialismo americano, de que resultaram diferentes avaliações na apreciação da teoria militar de Clausewitz. Apesar de compreensível, depois das experiências com o militarismo alemão, penso ser duvidoso colocar Clausewitz ao lado de «*Moltke, Schlieffen, Ludendorf, Keitel e outros representantes da ideologia militar alemã.*»⁴⁷

Ainda que os fascistas alemães tenham procurado apropriar-se de Clausewitz, não se pode aceitar a existência de uma «*linha de continuidade*» desde Clausewitz, enquanto militar das guerras de libertação, até Keitel, representante da *Wehrmacht* fascista alemã.

Correcto é que com a introdução das armas químicas na estratégia militar, os escritos teóricos militares de Clausewitz, assim como os de Engels, no que diz respeito às suas afirmações estratégicas e táticas, estão amplamente ultrapassados, enquanto que

⁴⁴ Ver *A verdade sobre Stáline. Ele conduziu a União Soviética a grandes vitórias*. in: Coleção de Opúsculos para a Educação Marxista-Leninista do Partido Comunista da Alemanha, Caderno n.º 55, Berlim, Agosto de 1999, p. 12 e seg. Doravante referida como *Coleção de Opúsculos...*

⁴⁵ SW 15/54-58. [I.V. Stáline, *Obras*, Moscovo, 1997, tomo 16, pp. 21-24. (N. Ed.)]

⁴⁶ Idem, ibidem, p. 57. [Idem, ibidem, pág. 21. (N. Ed.)]

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 56. [Idem, ibidem, pág. 22. (N. Ed.)]

afirmações políticas, como a da guerra enquanto continuação da política de classes por meios violentos, mantêm-se actuais, como provou empiricamente o imperialismo americano no início do séc. XXI.

Mas não sabemos *quando* Stáline leu *o quê*, que conhecimentos possuía destes escritos já em 1918, no início da Guerra Civil e de Intervenção. Stáline conhecia nesta época as obras de Marx e Engels, como resulta do contexto dos seus escritos até 1920. Também conhecia os acima citados artigos e discursos de Lénine de 1915 e sobre a paz de Brest. Podia por conseguinte reflectir afirmações indirectas de Clausewitz, se se quisesse em «segunda mão». Lénine teve acesso às bibliotecas na Europa ocidental durante a sua emigração, enquanto Stáline, durante o período da sua luta na Rússia, na ilegalidade, em fuga, na deportação e nas prisões, teve um acesso limitado à literatura científica. Por isso é difícil fazer afirmações seguras sobre o que Stáline conhecia de literatura teórica militar neste período. No conjunto dos seus escritos até 1920 não pude encontrar nenhuma referência a Clausewitz.

Nessa altura, Stáline só podia aproximar-se empiricamente da manifestação social da guerra. Com o método do materialismo dialéctico, que ele nesta altura já dominava, conseguia generalizar teoricamente as experiências da Guerra Civil e de Intervenção. A unidade dialéctica contraditória guerra/política/economia podia assimilá-la nas obras de Marx e Engels e aplicá-la nas suas análises aos acontecimentos na frente da Guerra Civil e de Intervenção.

Assim, Stáline compreendeu a guerra enquanto uma totalidade na sua relação com a política e a economia, bem no sentido de Clausewitz, independentemente dos seus conhecimentos militares específicos. Isto era uma vantagem em relação a alguns militares profissionais que absolutizavam a normatividade própria da guerra face à política, se abstraíam da normatividade própria da política e assim corriam o perigo de cair em avaliações estratégicas manifestamente erradas. De grande importância para a teoria da guerra de Stáline foram os seus excepcionais conhecimentos sobre a questão nacional, que ele tinha adquirido e generalizado teoricamente nas suas actividades revolucionárias, principalmente no Cáucaso.⁴⁸

A sua compreensão da componente nacional na teoria da guerra foi-lhe muito útil, principalmente nas lutas de defesa contra os «*Senhores*» polacos na frente ocidental em 1920, como ainda será demonstrado.

A definição de Clausewitz sobre o papel da teoria na guerra corresponde às actividades político-militares de Stáline na Guerra Civil e de Intervenção: «*Não pode dar-lhe nenhuma fórmula para a resolução das tarefas, não pode delimitar o seu caminho a uma estreita linha de necessidade, através de princípios que concentra em ambos os lados. Deixa-a dar um olhar sobre a massa dos objectos e as suas relações, e liberta-a de novo nas regiões superiores da acção, para actuar à escala das resultantes forças naturais com a acção unida de todos e tornar-se consciente da conservação e direito como um único pensamento claro, o qual, gerado pela visão de conjunto de todas aquelas forças, parece ser mais um produto do perigo do que do pensamento.*»⁴⁹

⁴⁸ Ver «Contribuições de Stáline para a Teoria da Questão Nacional», in Opúsculos ... Caderno n.º 86/1, Berlim, Junho de 2002.

⁴⁹ Hahlweg, op. cit., p. 951.

Primeiras experiências e conhecimentos

O processo histórico segue frequentemente caminhos curiosos. Stáline teve a sua primeira intervenção militar na Guerra Civil e de Intervenção na função de «Director-Geral do Aproveitamento de Bens Alimentares no Sul da Rússia». Foi nomeado para esta função por decisão do Conselho dos Comissários do Povo com «plenos poderes extraordinários». Em 6 de Junho de 1918 chegou a Tsarísine,⁵⁰ vindo de Moscovo. No exercício desta função, Stáline aprendeu de forma muito empírica a relação entre uma administração económica metódica e a condução da guerra, que os êxitos militares dependem, antes de mais, da organização na retaguarda.

Um telegrama a Lénine, em 7 de Junho de 1918, Stáline é elucidativo sobre a situação na região do Cáucaso.

Em Tsarísine, Astracã e Sarátov, os soviets haviam abolido o monopólio dos cereais e os preços fixos. As consequências foram «desregramento» e «especulação». Stáline conseguiu a introdução do sistema de senhas e preços fixos em Tsarísine. Era preciso que o Comité Executivo Central (CEC) e o Conselho dos Comissários do Povo exigissem que os Soviets liquidassem a especulação nas outras cidades.

O zelo de uma «multiplicidade de colégios e comités de revolução» «arruinou completamente» o transporte ferroviário. Apesar dos «protestos dos colégios», Stáline estava a instituir a ordem. Em vários locais descobrira um «monte de locomotivas», cuja existência os colégios desconheciam. Estava a organizar comboios em Tsarísine para poder enviar dentro de uma semana «cerca de um milhão de pud para Moscovo.» (1 pud = 16,38 Kg). Do mesmo modo, a navegação entrara em congestionamento. Os navios estavam retidos em Níjni Novgorod. Lénine devia dar instruções para deixar passar os navios até Tsarísine.

Em Stavropol, na região de Kuban, havia «compradores de cereais de confiança» que se tinha encarregado de «arranjar cereais no Sul.»⁵¹

O poder soviético ainda não estava de forma alguma seguro, como se compreende da troca de telegramas entre Lénine e Stáline, de 7 de Julho de 1918. (Nos soviets, colégios, comités da revolução, etc., os bolcheviques estavam muitas vezes em minoria, os mencheviques e socialistas-revolucionários eram os fanfarrões. O Cáucaso era um centro de mencheviques e socialistas-revolucionários.)

Em 7 de Julho de 1918, pelas 15 horas, o embaixador alemão Mirbach foi assassinado num atentado à bomba por um socialista-revolucionário. «Este assassinato», assim escreveu Lénine no seu telegrama, «é manifestamente do interesse dos monárquicos ou dos capitalistas ingleses e franceses. Os socialistas-revolucionários de esquerda, não desejando entregar o assassino, prenderam Dzerjinski e Latsis e iniciaram uma revolta contra nós. Liquidá-la-emos hoje ainda durante a noite implacavelmente (...) Estamos por um fio da guerra. Temos reféns centenas de socialistas-revolucionários. Por toda a parte é preciso reprimir implacavelmente estes lamentáveis e histéricos aventureiros,

⁵⁰ Cidade no Sudeste da Rússia que recebeu o nome de Stalingrado (1925-61), sendo depois designada Volgogrado. (N. Ed.)

⁵¹ SW 4/100 seg. [I.V. Stáline, ed. cit., Moscovo, 1947, tomo 4, p. 117. (N. Ed.)]

que se tornaram um instrumento nas mãos da contra-revolução (...) Portanto, seja implacável contra os socialistas-revolucionários de esquerda (...)»⁵²

Na resposta telegráfica de Stáline diz-se: «*Tudo será feito para prevenir eventuais surpresas. Esteja certo de que a nossa mão não tremerá...*»⁵³

Duas coisas distintas resultam desta troca de telegramas. Por um lado, a situação ameaçadora em que se encontrava a Rússia Soviética, onde as revoltas contra-revolucionárias, Guerra Civil e de Intervenção se misturavam com o caos económico. Por outro lado, esta situação obrigava a medidas excepcionais, que não foram concretizadas só por Stáline, mas também por Lénine, e por Stáline de acordo com instruções de Lénine enquanto presidente do Conselho de Comissários do Povo. Guerras revolucionárias e civis não eram e não são tempos amenos, e não podem ser julgados segundo critérios abstractos e princípios morais. Também na questão do combate à contra-revolução e aos imperialistas estrangeiros havia concordância e continuidade na política entre Lénine e Stáline.

Numa carta de Stáline a Lénine, datada de 10 de Julho de 1918, são patentes as relações tensas entre Stáline e Trótski.

Trótski distribuiu por toda a parte mandatos, (i.e. mandatários), o que «*com certeza*» terá como consequência «*que, dentro de um mês, tudo se desmoronará no Cáucaso do Norte, e perderemos definitivamente esta região (...) Meta-lhe na cabeça que não se deve fazer nomeações sem dar conhecimento às pessoas que estão no local (...)*».

«*A questão dos viveres está naturalmente imbricada na questão militar.*» Precisa de «*plenos poderes militares.*» Afirma que já escreveu sobre isso (a Trótski? ...), mas não obteve resposta. «*Neste caso, irei eu mesmo, sem formalidades, demitir aqueles comandantes e comissários que arruinam a causa, e naturalmente que a falta de um papelinho de Trótski não me deterá.*»⁵⁴

Enquanto comissário do Povo e presidente do Conselho Militar Revolucionário da Frente Sul, Stáline introduziu uma organização administrativa rigorosa e adoptou medidas para estabelecer uma «*disciplina férrea*» no Exército Vermelho. Com isto ultrapassou a situação extremamente crítica do poder soviético no Cáucaso do Norte. O soldado da frente, como dizia Stáline, o «*servil mujique*», que em Outubro lutara pelo poder soviético, agora voltava-se contra ele: «*odeia de todo o coração o monopólio do trigo, os preços fixos, as requisições, o combate ao açambarcamento.*»

As unidades de cossacos, «*que se auto-intitulam soviéticas*», não querem combater de forma determinada a contra-revolução cossaca. Regimentos inteiros passaram-se para o lado da contra-revolução.⁵⁵

Nesta altura ocorreu também o atentado contra Lénine, que ficou gravemente ferido. (30 de Agosto de 1918)

No telegrama, assinado por Stáline e Vorochílov, membro do Conselho Militar da Região do Cáucaso do Norte, dirigido ao presidente do CEC, camarada Sverdlov, de 31 de Agosto de 1918, afirma-se que responderão a «*este vil atentado traiçoeiro com a*

⁵² LW 27/534. [V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., tomo 50, p. 114. (N. Ed.)]

⁵³ SW 4/102. [I. V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 118. (N. Ed.)]

⁵⁴ Idem, *Ibidem*, p. 104 e seg. [Idem, *ibidem*, pp. 120-121. (N. Ed.)]

⁵⁵ «Carta a Lénine de 4 de Agosto de 1918», ed. cit., p. 106 e segs. [Idem, *ibidem*, pp. 123-124. (N. Ed.)]

organização do terror de massas aberto e sistemático contra a burguesia e os seus agentes.»⁵⁶

Atentado a Lénine, revoltas, guerra contra os intervencionistas estrangeiros, terror de massas de ambos os lados, caos económico, fome – estas eram as condições concretas da guerra, sob as quais Stáline, enquanto militar, reuniu experiências práticas.

Na frente Sul, Tsarísine ocupava uma posição central. Era o ponto onde se concentravam as forças contra-revolucionárias, principalmente unidades de cossacos. A tomada de Tsarísine permitiria aos guardas brancos «*reunir os contra-revolucionários da região do Don com as cúpulas cossacas de Astracã e com as tropas dos Urais, formando uma frente unida da contra-revolução desde o Don até aos checoslovacos, que garantiria o controlo do Sul e do Cáspio aos contra-revolucionários internos e externos e colocaria numa situação crítica as tropas soviéticas do Cáucaso do Norte*».⁵⁷

⁵⁶ Idem, ibidem, p. 111. [I. V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 128. (N. Ed.)]

⁵⁷ «Sobre o Sul da Rússia», entrevista ao correspondente do *Pravda*, 30 de Outubro de 1918. Ed. cit., p. 130. [I. V. Stáline, ed. cit., p. 149. (N. Ed.)] Os checoslovacos eram originalmente prisioneiros de guerra na Rússia. Pertenciam ao Exército Imperial e Real [exército da monarquia austro-húngara. (NT)]. O historiador inglês John Keegan escreve que durante a guerra «*publicistas da Entente sublinharam a falta de confiança dos soldados eslavos de Franz Joseph e os seus sentimentos fraternais para com os adversários russos.*» Escreveram pormenorizadamente sobre a tendência de alguns corpos do exército – especialmente checos e austro-sérvios – para se render. (John Keegan, *A I Guerra Mundial. Uma Tragédia Europeia*. Hamburgo, 2001, p. 225 e seg.). Assim, os checos do IX Corpo do Exército Imperial e Real eram «*suspeitos de se ter passado em grande número para o inimigo*». (Keegan, p. 243) De acordo com a Enciclopédia da URSS, estes checoslovacos entregaram-se como prisioneiros de guerra de livre vontade para não ter de lutar pelos alemães, que viam como seus inimigos. (Enciclopédia da URSS, Tomo I, Berlim, 1950, p. 683.) De acordo com Keegan havia no Exército Imperial e Real nove grupos linguísticos: 44% eram eslavos, 28% alemães, 18% húngaros, 8% romenos e 2% italianos. A sua lealdade para com o imperador austríaco era muito variável. Os alemães, que com 28% eram uma minoria no exército, tinham uma posição privilegiada. Isto era também válido em parte para os húngaros. Principalmente os checos e os sérvios mostraram-se pouco fiéis à Casa Imperial. «*Assim que a guerra deixou de ser uma curta aventura, o exército tornou-se para eles numa “prisão das nações”, na qual os omnipresentes chefes alemães eram os carcereiros.*» (Keegan, p. 226)

Ainda na época do domínio tsarista, a Entente tinha formado em território russo um corpo forte e bem armado com 40 mil soldados e oficiais checoslovacos. Depois do derrube do tsar na Revolução de Fevereiro, tomaram parte na ofensiva ordenada por Kérenski de Junho de 1917. Após o fracasso, o corpo foi retirado da frente e colocado na Ucrânia, do lado esquerdo do Dniepr. O governo soviético autorizou o corpo checoslovaco a deixar o território russo por Vladivostok para se colocar à disposição da *Entente*. As unidades checoslovacas retiraram da região de Pensa, ao longo das linhas-férreas, para as regiões além Volga, atravessando os Urais até a Sibéria. Durante este tempo foram mantidas a expensas da *Entente*. Entretanto, oficiais dos guardas brancos juntaram-se-lhes com as suas tropas, pelo que o seu número aumentou até 60 mil homens. Em 25 de Maio de 1918, os checoslovacos começaram a sublevar-se contra o Poder Soviético. No final de Maio de 1918, o corpo checoslovaco ocupou grandes regiões da Sibéria, os Urais, assim como a região central do Volga, com as cidades de Kazan, Simbirsk e Samara. Eliminaram os soviets, fuzilaram os comunistas e armaram os latifundiários, os generais e os oficiais do antigo exército tsarista, que Trótski tinha incorporado no Exército Vermelho e se tinham passado em parte para os checoslovacos. Todas as forças contra-revolucionárias possíveis, mencheviques e socialistas-

Na organização da guerra, Stáline concentrou-se em duas tarefas: primeiro, na organização do Exército Vermelho, de forma a que os soldados vermelhos soubessem pelo que lutavam, ou seja, o lado ideológico da guerra, ordem e disciplina, sem as quais um exército está perdido, a formação de um «*quadro completo de oficiais vermelhos*», que «*constituem*» o «*principal cimento do nosso exército, que o consolidam como um organismo unido e disciplinado.*»

Segundo, na aplicação prática do conhecimento teórico de que um exército não pode «*existir muito tempo sem uma retaguarda sólida*». Para uma frente estável é necessário que o exército receba regularmente reservas, munições e alimentos da retaguarda. Para isso é preciso administradores competentes e conhecedores, recrutados «*principalmente entre os operários avançados*». (...) «*Pode afirmar-se com segurança que Tsarísine não teria sido salva sem estes administradores.*»⁵⁸

No final de Novembro de 1918 surgiu uma situação muito perigosa no Leste e Norte da República Soviética. Em Murmansk e Arcangel desembarcaram tropas de intervenção francesas, inglesas, americanas e italianas, que se associaram às unidades dos guardas brancos. No conjunto, esta força militar era constituída por cerca de 40 mil homens que avançavam na direcção Sudeste para se unirem às tropas de Koltchak, que atacavam a partir da Sibéria Ocidental. Na região a Leste do Volga e a Sul de Kama, o corpo do exército checoslovaco unia-se aos guardas brancos.⁵⁹ Os exércitos da *Entente*⁶⁰ e os guardas brancos da zona de Arcangel deviam avançar para Sul, Koltchak e os checoslovacos do Leste e Sudeste para Oeste, devendo encontrar-se perto de Kotlas para daí marcharem para Moscovo com uma tropa avassaladora. De acordo com diferentes cálculos, as tropas da *Entente* e os guardas brancos nesta região eram constituídas por cerca de 130 mil soldados e oficiais. Koltchak automeou-se, por indicação da *Entente*, comandante supremo de todas as tropas dos guardas brancos. Todos os generais brancos em solo russo eram seus subordinados. Em Janeiro de 1919, Koltchak comprometeu-se

revolucionários, juntaram-se aos checoslovacos, que se tornaram numa força poderosa e assim num perigo sério para o poder soviético.

⁵⁸ SW 4/131. [I. V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 150-151. (N. Ed.)]

⁵⁹ Ver Mapa, *Enciclopédia da URSS*, op. cit., 1/688, no anexo.

⁶⁰ Entente: Aliança militar dos estados imperialistas, formada no princípio do século XX, inicialmente pela Inglaterra e França e posteriormente (1907) pela Rússia. Em 1917, aderiram à Entente os Estados Unidos, o Japão e outros países capitalistas. No decurso da I Guerra Mundial agruparam-se 25 potências em torno da Entente. A Entente formou-se em oposição ao outro bloco imperialista agressivo, a Tríplice Aliança, encabeçada pela Alemanha e integrada pela Itália e Áustria-Hungria. Os imperialistas de todos os países aspiravam a novas conquistas territoriais e a uma nova repartição do mundo e das esferas de influência. Depois do triunfo da Revolução Socialista de Outubro, os estados da Entente em conjunto com outros estados imperialistas organizaram a intervenção armada contra a jovem República Soviética, tentando derrubar o poder soviético na Rússia. Entretanto os planos da Entente fracassaram. O Exército Vermelho derrotou e expulsou do território soviético as tropas dos intervencionistas e da contra-revolução. A Entente então deixou de existir. No período que medeia entre a primeira e a segunda guerras mundiais apareceram, sob a mesma denominação, blocos regionais e alianças militares de estados europeus (Pequena Entente, Entente Balcânica) Fonte: *Breve Dicionário Político*, Editorial Progresso – Moscovo. (NT)

perante as potências da Entente a «reconhecer como comandante das forças russas e aliadas a Oeste do Baikal, na Sibéria e na Rússia de Leste» o general francês Janin.

No final de Novembro, Koltchak, com cerca de 50 mil soldados bem armados e com todos os equipamentos necessários, iniciou a ofensiva contra Perm, um importante centro industrial, onde se situava a conhecida fábrica *Motovilikhinski*, indispensável para o armamento do Exército Vermelho. Às tropas de Koltchak opunha-se o III Exército com cerca de 35 mil soldados vermelhos mal armados, dirigido por ex-oficiais tsaristas, dos quais uma grande parte se passou para o lado de Koltchak e dos checoslovacos. (Não consegui encontrar números exactos sobre isto. Ninguém, pelos vistos, elaborou uma «estatística» deste assunto). A 24 de Dezembro as tropas de Koltchak conseguiram ocupar Perm e avançar para Viatka. A união às tropas da Entente, que avançavam do Norte para Kotlas, estava próxima.⁶¹

O CC dos bolcheviques decidiu constituir uma comissão de inquérito para esclarecer *in loco* as razões da queda de Perm e decidir medidas para a estabilização da frente. De acordo com a indicação de Lénine, os comissários Dzerjinski e Stáline foram incumbidos de dirigir a comissão. Em 5 de Janeiro de 1919 chegaram ambos a Viatka.

Os relatórios assinados por Dzerjinski e Stáline, entre 5 e 31 de Janeiro, e enviados a Lénine dão informações sobre as medidas políticas e militares tomadas por ambos os comissários.⁶² Deles se conclui que ambos os camaradas eram comandantes habilitados para a guerra revolucionária. Estes relatórios constituem uma contribuição para a teoria militar marxista-leninista. Não é possível precisar qual a redacção que tem origem na pena de Dzerjinski e qual na de Stáline. No relatório há uma anotação: «sobre a questão da fusão da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia com o Comissariado do Povo para os Assuntos Internos, o camarada Dzerjinski tem uma opinião particular.»⁶³ Daqui conclui-se que ambos os camaradas estavam de acordo, excepto nesta questão organizativa. Dado o conhecido carácter de ambas as personalidades históricas, é de excluir que uma tenha «dominado» a outra.

Os relatórios só podem ser aqui apresentados resumidamente:

O III Exército, que devia ter mais de 30 mil efectivos, já só é constituído por 11 mil soldados esgotados e profundamente desmoralizados. As tropas enviadas pelo Comandante Supremo não são de confiança e em parte mostram-se hostis ao poder soviético. São requisitados três regimentos de confiança (5 de Janeiro de 1919).

Causas da catástrofe em Perm: um exército cujas tropas estão esgotadas, que não tem reservas nem um comando sólido, e ocupa uma posição de flanco podendo ser contornado, tinha de desmoronar-se na primeira investida das forças superiores do adversário.

Situação dos militares: dois regimentos renderam-se – o motim do regimento de engenharia pôde ser evitado – deserções para o adversário; a hostilidade face ao Exército Vermelho explica-se pelo espírito contra-revolucionário dos regimentos, pelos velhos métodos de recrutamento e formação, nenhum «peneirar» dos recrutados para o serviço militar, nenhum trabalho político nos regimentos.

⁶¹ Ver Bérkhine, op. cit., p. 145.

⁶² Ver SW 4/163-198.

⁶³ Idem, Ibidem, p. 190. [V. I. Stáline, ed. cit. tomo 4, p. 217. (N. Ed.)]

Negligências no Estado-Maior General, no *Bureau* de Toda a Rússia de Comissários Militares, no Conselho Militar Revolucionário da República, desorganização nos escalões dirigentes, reservas insuficientes. Um «*regimento soviético*» que se encontrava na reserva desertou para o adversário na primeira acção na frente.

Desapareceram documentos, os responsáveis desertaram. O sistema de comando do III Exército está, na aparência, «*de acordo com o regulamento*», mas na realidade não existe qualquer ordem. Domina o absoluto desgoverno, o comando está desligado das unidades de combate, existe uma autonomia de facto das divisões.

Medidas para interromper a retirada: alívio do III Exército através do avanço do II Exército na direcção de Kungur. Novecentos «*combatentes frescos de inteira confiança*» foram enviados para a frente.

Consolidação da retaguarda – foram adoptadas medidas para impedir uma manobra de envolvimento do adversário na direcção de Viatka.

As medidas tomadas ainda não são suficientes. As tropas exaustas do III Exército não podem aguentar-se mais, precisam de ser substituídas pelo menos em parte. São necessários dois regimentos para poder garantir a estabilidade da frente. Além disso, o comandante deve ser substituído, devem ser enviados três funcionários políticos activos, o Comité Regional do partido, o Soviete da Região e outros devem ser «*urgentemente dissolvidos para acelerar a mobilização dos trabalhadores evacuados*» (19 de Janeiro de 1919).⁶⁴

Lénine tinha absoluta confiança em Dzerjinski e Stáline, como se depreende do seu telegrama de 14 de Janeiro, no qual se diz expressamente: «*Peço-vos muito que ambos dirijam pessoalmente no local a execução das medidas definidas, uma vez que, de outro modo, não há garantia de êxito.*»⁶⁵

Num discurso em Viatka, em 19 de Janeiro, Stáline declarou que estava garantida uma «*certa estabilidade na frente*», mas era preciso criar um novo centro para «*consolidação e abastecimento da retaguarda*», sob a forma de um «*Comité Militar Revolucionário de Viatka*», a cujas decisões, enquanto «*órgão superior do poder soviético na gubérnia*»,⁶⁶ se submetem as restantes instituições e organizações.⁶⁷

Do extenso e pormenorizado relatório final enviado a Lénine pelos dois comissários do povo, em 31 de Janeiro de 1919, só se referem aqui as conclusões teórico-militares, que podem ser ainda hoje relevantes para um exército revolucionário do século XXI sob diferentes condições de eficácia.

Portanto, entregue a si próprio (no Sul) e não seguro contra operações de envolvimento do adversário (no Norte), esgotado e desmoralizado, sem reservas e sem uma região de retaguarda mais ou menos segura, com homens mal alimentados (a 29^a Divisão) e miseravelmente calçados (a 30^a Divisão), sob 35 graus negativos, dispersos pelo imenso espaço entre Nadéjdinski até à margem esquerda do Kama, a Sul de Ossá (mais de 400 verstas – 1 versta = 1066,78 m), com um estado-maior fraco e pouco

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 165-169. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 194. (N. Ed.)]

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 375, nota de rodapé 50. [V.I. Lénine, ed. cit., Moscovo, tomo 50, p. 243. (N. Ed.)]

⁶⁶ A gubérnia era a maior unidade administrativa do império russo. Foi criada em 1708 e existiu até 1929 na URSS. (N. Ed.)

⁶⁷ SW 4/170 e segs. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 195-196. (N. Ed.)]

experiente, o III Exército perdeu, em 20 dias, 18 mil soldados, dezenas de peças de artilharia, centenas de metralhadoras. Nem foi uma retirada, nem um recuo das tropas para novas posições, mas sim uma «*verdadeira fuga caótica, um exército completamente derrotado e absolutamente desmoralizado, com um comando incapaz de reconhecer e de alguma forma ter em conta a catástrofe inevitável, totalmente incapaz de tomar medidas em devido tempo para salvar o exército mediante o recuo para posições anteriormente preparadas, mesmo que à custa da perda de território...*»⁶⁸

Segue-se uma crítica às falhas do plano de evacuação, ao controlo insuficiente da administração dos caminhos-de-ferro, ao combate à «*sabotagem habilmente organizada pelos ferroviários*» Os resultados: «*Evacuou-se todo o tipo de bagatelas, cadeiras partidas e outros trastes, ao mesmo tempo que composições carregadas com mecanismos e peças da Fábrica Motovilikhinski e da flotilha do Kama, composições com soldados feridos e reservas de preciosos eixos americanos, centenas de boas locomotivas e demais bens valiosos não foram evacuados.*»⁶⁹

Quanto à artilharia, 26 canhões «*com os arreios completos foram deixados ao inimigo sem um único tiro.*» Do mesmo modo, a ponte sobre o Kama não foi explodida, assim como não foram destruídos outros bens abandonados em Perm.⁷⁰

O quadro de decomposição geral e desorganização do exército e da retaguarda, de incúria e irresponsabilidade das instituições soviéticas, do exército e do partido é completado pela passagem inaudita e quase geral de toda uma série de quadros responsáveis para o lado do inimigo. O chefe das construções defensivas, engenheiro Baníne, e todos os seus colaboradores, o engenheiro ferroviário, Adrianovski, e todo o quadro de especialistas das vias de comunicação da região, o chefe da secção de comunicações militares, Sukhóvski, e os seus colaboradores, o chefe da secção de mobilização do Comissariado Militar do *Okrug*,⁷¹ Bukíne, e os seus colaboradores, o comandante do batalhão de sentinelas, Ufimtsev, e o chefe da brigada de artilharia, Valiujenitch, o chefe da secção de formações especiais, Éksine, o comandante do batalhão de engenheiros com os seus ajudantes, os chefes de estação de Perm I e Perm II, toda a secção de registo da Direcção de Abastecimento do Exército e metade dos membros do Colégio Central – todos estes e muitos outros ficaram em Perm desertando para o lado do inimigo.⁷²

A situação do III Exército e a questão das reservas são tratadas pormenorizadamente no relatório, no qual Dzerjinski e Stáline criticam as deficiências na composição de classe do Exército Vermelho, sublinham as «*falhas no sistema de recrutamento*» do exército. Até fins de Maio de 1918, o recrutamento voluntário para o Exército Vermelho baseava-se no alistamento de operários e camponeses que não exploravam trabalho alheio. Isto explica «*possivelmente*» a firmeza das tropas do período do voluntariado. Depois da promulgação do decreto da CEC de Toda a Rússia sobre a Mobilização Geral dos

⁶⁸ Idem, ibidem, p. 174. [Idem, ibidem, p. 194. (N. Ed.)]

⁶⁹ Idem, ibidem, p. 175. [Idem, ibidem, p. 201. (N. Ed.)]

⁷⁰ Idem, ibidem, p. 176 e seg. [Idem, ibidem, pp. 201-202. (N. Ed.)]

⁷¹ O *okrug* constitui uma unidade administrativa intermédia, inferior ao *oblast*, ao *krai* e à república e superior à *raione* (N. Ed.)

⁷² SW 4/ 177 e seg. [I. V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 203. (N. Ed.)]

Trabalhadores de 29 de Maio de 1918, o recrutamento do exército passou para a competência do Estado-Maior General de Toda a Rússia, que adoptou na íntegra «o sistema de recrutamento do período do tsarismo», admitindo para o «serviço no Exército Vermelho todos os convocados sem distinção de situação de riqueza». Isto explica «que do trabalho das nossas instituições de recrutamento tenha resultado não tanto um Exército Vermelho, mas mais um “Exército Popular”».73

Este erro no sistema de recrutamento foi ainda agravado pela má alimentação e fardamento detestável, ausência de balneários, etc., e a nomeação totalmente infundada de comandantes, incidindo sobre oficiais sem provas dadas, que com frequência levaram unidades inteiras a desertar para o inimigo. Acresce a ausência de um «trabalho político nas unidades organizado de forma minimamente satisfatória». Por tudo isto, «estas reservas meio guarda brancos» não podiam prestar um apoio substancial ao III Exército.74

As conclusões foram as seguintes:

É preciso pôr um termo à guerra sem tropas de reserva, é necessário pôr em prática um sistema de tropas de reserva permanentes, sem as quais não é possível manter as posições actuais nem desenvolver êxitos. Sem reservas permanentes a catástrofe é iminente.

Mas as tropas de reserva só poderão ter aproveitamento se o velho sistema de recrutamento e formação adoptado pelo Estado-Maior General for radicalmente alterado, e se a própria composição do Estado-Maior for renovada.

Antes de mais é necessário dividir os mobilizados entre possidentes (não fiáveis) e não possidentes (os únicos com aptidão para serviço no Exército Vermelho).

Em segundo lugar é necessário que os recrutados num local sejam enviados para formação num local diferente, sendo que o envio para a frente deve ser efectuado de acordo com a regra: «quanto mais longe da gubérnia de nascimento, melhor (renúncia ao princípio territorial).»

Em terceiro lugar é necessário renunciar à formação de grandes e volumosas unidades (divisões), inadequadas às condições da guerra civil, e declarar a brigada como unidade máxima de combate.

Em quarto lugar é necessário estabelecer um controlo rigoroso e permanente sobre os comissariados militares de *okrug* (renovando previamente a sua composição), que estão a provocar a indignação dos soldados (no melhor dos casos a deserção em massa) devido à sua criminosa atitude negligente para como a questão do aquartelamento, alimentação e fardamento das tropas.

Finalmente é necessário renovar o *Bureau* dos Comissários de Toda a Rússia, que fornece às unidades garotos «comissários», absolutamente incapazes de organizar um trabalho político minimamente satisfatório. A inobservância destas condições conduz a que as nossas instituições de recrutamento enviem para a frente não tanto um Exército Vermelho, mas mais um «Exército Popular», sendo que a palavra «comissário» se transformou num apodo injurioso.

⁷³ Idem, ibidem, p. 180 e seg. [Idem, ibidem, pp. 206-207. (N. Ed.)]

⁷⁴ Idem, Ibidem, p. 181 e seg. [Idem, ibidem, pp. 207- 208. (N. Ed.)]

Em particular, para a manutenção da capacidade de combate do III Exército é absolutamente necessário reforçá-lo imediatamente com pelo menos três regimentos firmes.⁷⁵

O inquérito aos procedimentos de comando mostrou a ausência de centralização no interior do exército. Os chefes de brigada e divisão sentiam-se como «*príncipes feudais*». O estado-maior estava isolado das unidades de combate. Não havia coordenação entre os exércitos, o que ambos os comissários atribuíram ao facto de o Conselho Militar Revolucionário estar isolado da frente e às directivas imponderadas do comandante supremo. Daqui se concluía que o exército não pode passar sem um Conselho Militar Revolucionário sólido. O Conselho Militar Revolucionário tem de ser composto pelo menos por três elementos, um dos quais acompanha os organismos de abastecimento do exército, o outro os organismos de educação política do exército e o terceiro – assegura o comando. Só deste modo é possível garantir o funcionamento correcto do exército.

O estado-maior do exército não pode limitar-se aos relatórios oficiais (não raramente incorrectos) dos chefes de divisão e chefes de brigada, mas deve ter os seus próprios representantes – agentes – que informem regularmente o estado-maior e acompanhem atentamente a execução rigorosa das ordens do comandante. Só deste modo se pode assegurar a ligação do estado-maior com o exército, liquidar a autonomia efectiva das divisões e brigadas e organizar uma verdadeira centralização do exército.

Um exército não pode agir por conta própria, como uma unidade completamente autónoma. Nas suas operações depende totalmente dos exércitos adjacentes e principalmente das directivas do Conselho Militar Revolucionário da República: o exército mais apto para o combate, em condições iguais, pode fracassar se as directivas do centro não forem justas e não existir um efectivo contacto com os exércitos adjacentes. É necessário estabelecer nas frentes, antes de mais na frente Leste, um regime de rigorosa centralização das operações de cada um dos exércitos em torno da concretização de uma directiva estratégica precisa e seriamente ponderada. A arbitrariedade ou precipitação na definição das directivas, sem a consideração séria de todos os dados, e a rápida substituição de directivas daqui resultante, bem como a indefinição das próprias directivas, como acontece no Conselho Militar Revolucionário da República, tornam impossível a direcção do exército, conduzem ao desperdício de forças e de tempo e desorganizam a frente. É necessário remodelar o Conselho Militar Revolucionário da República num grupo restrito, estreitamente ligado à frente, digamos, composto por cinco pessoas (dois especialistas, o terceiro acompanha a Direcção Central do Abastecimento, o quarto – o estado-maior general, o quinto – o *Bureau* de Comissários de toda a Rússia), suficientemente experientes para não permitirem quer a arbitrariedade quer a leviandade na condução do exército.⁷⁶

Nos capítulos seguintes são apresentados os resultados do inquérito sobre a situação nas regiões da retaguarda, nos organismos de abastecimento e evacuação, assim como as conclusões daí retiradas.⁷⁷ Só têm significado teórico na medida em que se referem ao reforço da retaguarda, ao abastecimento do exército, aos reforços e eventualmente à

⁷⁵ Idem, ibidem, p. 182 e seg. [Idem, ibidem, pp. 208-209. (N. Ed.)]

⁷⁶ Idem, ibidem, p. 186 e seg. [Idem, ibidem, pp. 211-213. (N. Ed.)]

⁷⁷ Idem, ibidem, pp. 187-195.

retirada, ao transporte de importantes materiais militares, embora os pormenores respeitantes à situação histórica concreta não possam ser generalizados.

Nas conclusões diz-se que sem estabilidade da retaguarda, nenhum exército pode agir com êxito. Para isso era necessário:

«1. Instituir a prestação rigorosa e regular de contas das organizações locais do partido ao CC; munir regularmente as organizações locais do partido com cartas circulares do CC; organizar uma secção de imprensa adstrita ao Órgão Central para a direcção da imprensa do partido na província; criar uma escola para funcionários do partido (principalmente operários) e organizar uma distribuição correcta dos funcionários. De tudo isto deve ser encarregue um secretariado do CC, composto por membros do CC.

2. Delimitar rigorosamente a esfera de competências do CEC e do Commissariado do Povo para os Assuntos Internos no que respeita à direcção da actividade corrente dos Sovietes de Deputados; fundir a Comissão Extraordinária de Toda a Rússia com o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos (sobre a questão da fusão da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia com o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos, o camarada Dzerjinski tem uma opinião particular); incumbir o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos da obrigação de velar pela execução correcta e pontual dos decretos e despachos do poder central por parte dos soviets de deputados; obrigar os soviets de deputados a prestar contas regularmente ao Commissariado do Povo dos Assuntos Internos; obrigar o Commissariado do Povo dos Assuntos Internos a fornecer regularmente aos Sovietes de Deputados as instruções necessárias; organizar uma secção de imprensa adstrita ao Izvéstia VTsIK para dirigir a imprensa dos soviets na província.

3. Organizar uma comissão de controlo e fiscalização adstrita ao Conselho da Defesa para inquirir sobre as “insuficiências do mecanismo” dos commissariados do povo e respectivas secções locais tanto na retaguarda como na frente.»⁷⁸

Tratava-se, no que respeita à consolidação da retaguarda, principalmente de introduzir uma rigorosa administração centralizada e uma direcção política. Era necessário dar formação e educação política aos funcionários da administração oriundos das fileiras dos operários. Só assim seria possível fornecer reforços e assegurar a evacuação planeada e em boa ordem de bens importantes para a guerra, uma retirada do exército planeada e em boa ordem, se necessário.⁷⁹

Para terminar ainda algumas notas sobre a actividade da comissão, sobre os seus reflexos na literatura histórica soviética depois do famoso «relatório secreto» de Khruchov no XX Congresso do PCUS (14-25 de Fevereiro de 1956). Na *História da URSS, 1917-1970*, de I.B. Bérkhine, diz-se correctamente que a «Comissão de Inquérito Especial», constituída pelo CC do PCR(b) e pelo Conselho de Defesa, estava sob a direcção de F.E. Dzerjinski e de I.V. Stáline.⁸⁰ Todavia, na *História do Partido*

⁷⁸ Idem, ibidem, p. 190 e seg. [Idem, ibidem, p. 216. (N. Ed.)] *Izvéstia VTsIK* («Notícias do CEC de toda a Rússia») jornal diário publicado desde 28 de Fevereiro de 1917 com o nome «Notícias do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado». Depois de várias mudanças este jornal tornou-se, em 27 de Outubro de 1917, no órgão oficial do poder soviético. SW 4/375 e seg., nota de rodapé 54.

⁷⁹ SW 4/194 e seg.

⁸⁰ Bérkhine, op. cit., p. 145.

Comunista da União Soviética, em seis volumes, só se fala numa «*Comissão de Inquérito do Partido*», «*sobre cujo trabalho Lénine se informava permanentemente.*» «*Dela faziam parte os membros do CC, F.E. Dzerjinski e I.V. Stáline.*» Quem dirigia a comissão e com quem Lénine se informava constantemente é deixado em aberto. Na *História do Partido Comunista da União Soviética* (Moscou, 1959 – Berlim, 1960) e na edição com o mesmo nome (Moscou, 1969 – Berlim, 1971) é concedido à Comissão «*um papel significativo*» na estabilização da frente na região de Perm, mas também de acordo com esta exposição, Dzerjinski e Stáline eram apenas membros desta Comissão, sobre quem a dirigia nem palavra.⁸¹ Provavelmente a Comissão encontrava-se sob a direcção do arcanjo Gabriel, junto de quem Lénine se «*informava permanentemente*».

Este género de omissão grave, que já confina com a falsificação da história, é um resultado do revisionismo de Khruchov na ciência histórica soviética.

No seu discurso sobre a questão militar no VIII Congresso do PCR(b) (18-23 de Março de 1919), Stáline tirou as conclusões do balanço da Guerra Civil e de Intervenção e, não de somenos importância, dos resultados da Comissão de Inquérito sobre o caso de Perm. Em causa estava a questão do «*exército de voluntários*» ou de um «*exército regular*».

No relatório da Comissão de Inquérito dirigido a Lénine, de 31 de Janeiro de 1919, o princípio da voluntariedade ainda é considerado parcialmente positivo, designadamente quando se assinala de passagem que isso explicaria «*possivelmente a firmeza das tropas*» desse período.⁸² Mas a restrição «*possivelmente*» é neste caso imensa. A firmeza destas unidades explicava-se pela sua composição de operários e camponeses que não exploram força de trabalho alheia, ou seja, campesinato pobre. No seu discurso no congresso, Stáline submeteu o exército de voluntários a uma crítica contundente.

Depois da desintegração do velho exército tsarista foi criado um exército de voluntários, «*mal organizado, com uma direcção colectiva que nem sempre se submetia às ordens.*» A desorganização reinava no comando. As consequências eram as derrotas na frente.

Os factos demonstravam «*que um exército de voluntários não resiste à crítica.*» Não tinha condições para defender a república. Só um «*exército regular, imbuído do espírito de disciplina, com uma secção política bem organizada*» saberia e poderia, «*à primeira ordem, levantar-se e marchar sobre o inimigo.*»⁸³

A concepção de um exército regular, disciplinado, foi ardentemente debatida. Algumas células comunistas no exército sustentavam a opinião de que o alargamento das suas

⁸¹ Ver *História do Partido Comunista da União Soviética em 6 volumes*. Vol. III/2, Moscou 1969/Berlim 1971), p. 189. Em seguida chamado HPCUS 6.

História do Partido Comunista da União Soviética, Moscou 1959/Berlim 1960, p. 381.

História do Partido Comunista da União Soviética, Moscou 1969/Berlim 1971, p. 336.

⁸² SW 4/180. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 206. (N. Ed.)]

⁸³ Idem, ibidem, p. 220. [«Do discurso sobre a questão militar no VIII Congresso do PCR (b)», 21 de Março de 1919, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pág. 429. (N. Ed.)]

funções e a assunção do controlo da actividade do Exército era «*sindicalismo de partido*». ⁸⁴

Antigos «comunistas de esquerda» formaram um bloco de oposição, sob a direcção de V.M. Smírnov, que era contra a construção de um exército regular. Os «comunistas de esquerda» achavam que não se podia confiar funções de comando a especialistas militares burgueses, devia-se dar «*mais direitos*» aos comissários militares, para poderem participar «*mais fortemente no comando do exército*». As novas instruções de serviço, dizia o camarada Smírnov, iriam introduzir uma «*regulamentação mesquinha*» na vida militar, permitir mais privilégios aos comandantes. Os mesmos direitos deviam ser assegurados a todos os militares. A concepção da oposição militar era indefensável. Ela destruiria qualquer exército. ⁸⁵

A oposição militar não era, porém, um bloco coeso. Havia nela opiniões muito diferentes, divergentes das do «núcleo» à volta de Smírnov. Inicialmente, depois de reformular algumas teses, Smírnov conseguiu impor a sua concepção. Apenas na reunião plenária da noite de 21 de Março, depois de um representante da Administração Militar ter informado que faltavam 60 por cento dos especialistas militares necessários ao Exército Vermelho, que tinham de ser recrutados mais comandantes experientes e especialistas em todas as áreas militares, Lénine, Sokólnikov e Stáline se puderam impor. ⁸⁶

Naturalmente que a inclusão de oficiais do velho exército tsarista era um problema sério. Deserção, traição de ex-oficiais eram factos conhecidos. Por outro lado, havia milhares de ex-oficiais que serviam lealmente no Exército Vermelho e contribuía com as suas capacidades militares. Estes oficiais não eram sempre comunistas, mas eram patriotas russos, que lutavam contra os invasores estrangeiros. Um dos méritos de Stáline foi ter reconhecido a componente nacional também na guerra civil, enquanto não poucos comunistas consideravam a questão nacional «*há muito*» historicamente ultrapassada. A questão nacional foi e ainda hoje é subestimada. O erro dos «comunistas de esquerda» consistiu em terem generalizado, absolutizado, a deserção de ex-oficiais e não compreenderem a contradição deste fenómeno social. Até agora ainda não encontrei nenhuma estatística para poder investigar a relação entre oficiais fiéis e desertores. No Exército Vermelho acresce ainda um factor especial: no corpo de oficiais havia não poucos partidários de Trótski, tanto entre ex-oficiais, como também entre novos oficiais oriundos da classe operária. Esta última contradição agudizou-se principalmente nos anos seguintes, quando o conflito entre Stáline e Trótski aumentou em aspereza, o que podia conduzir à destruição do Exército Vermelho.

Na oposição militar havia também camaradas que apresentaram moções aceitáveis. O apoio mais importante da oposição resultou, *last but not least*, do comportamento de Trótski enquanto chefe da Administração Militar. Não raramente ignorava os direitos «*dos comissários, comportava-se para com eles desdenhosamente e deixou reinar o despotismo nas relações com os militares comunistas. Trótski, com o seu comportamento despótico e os seus caprichos ditatoriais, voltou pessoalmente contra si muitos comunistas que serviam no exército e deu-lhes razão para desconfiarem dele (...)*

⁸⁴ HPCUS 6, III/2, p. 292.

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 292 e seg.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 295 e seg.

Isto viu-se (...) também na eleição dos membros do CC – contra a candidatura de Trótski votaram 50 delegados.»⁸⁷

Nas causas das derrotas do Exército Vermelho na frente da Guerra Civil e de Intervenção também se incluía a sua composição de classe. A maioria do exército, dizia Stáline, é constituída por camponeses, não por operários; camponeses que «*não lutarão voluntariamente pelo socialismo. Uma série de factos demonstra-o. Vários motins na retaguarda e nas frentes (...) mostram que os elementos não proletários, que constituem a maioria no nosso exército, não querem lutar voluntariamente pelo comunismo.*» Daqui resulta a tarefa de «*reeducar estes elementos no espírito de uma disciplina férrea*», colocá-los «*sob a direcção do proletariado*», não só na retaguarda mas também na frente, «*obrigá-los a combater pela nossa causa comum socialista*». A construção de um «*verdadeiro exército regular, o único capaz de defender o país*», teria de ser concluída no decorrer da guerra. Se isto não for feito, «*a nossa causa estará perdida.*»⁸⁸

A questão militar não estava, com isto, ainda definitivamente resolvida. Já no VII Congresso (6-8 de Março de 1918), no início da guerra, se referia na proposta de programa a «*transformação*» do «*exército de classe*» numa «*milícia socialista de todo o povo*», mas evidentemente só depois da abolição das classes.⁸⁹

No programa aprovado no VIII Congresso do PCR(b), § 10/1, diz-se: «*Na época da decomposição do imperialismo e da propagação da guerra civil não é possível nem a manutenção do velho exército, nem a construção de um novo numa base chamada supra-classista ou de toda a nação. O Exército Vermelho, enquanto instrumento da ditadura do proletariado, tem necessariamente de ter um carácter de classe aberto, isto é, tem de ser formado exclusivamente pelo proletariado e por camadas do campesinato que lhe estão próximas. Só na sequência da eliminação das classes, um tal exército de classe poderá transformar-se numa milícia socialista de todo o povo.*»⁹⁰

A recruta nas casernas era mal vista. Evidentemente que a má experiência da velha instrução militar tsarista desempenhava aqui o seu papel. Por isso a pura instrução de caserna devia ocupar «*o período mais curto possível*». As casernas deviam aproximar-se do «*tipo das escolas militares e político-militares*», devia estabelecer-se uma «*ligação, a mais estreita possível, das unidades de recrutas com as empresas industriais, sindicatos e as organizações de pobres do campo.*»⁹¹

No exército burguês, a antiga exigência de eleição dos comandantes tinha uma «*enorme importância de princípio*». No Exército Vermelho, enquanto «*exército de classe*», proletário, esta exigência tinha perdido «*totalmente a sua importância de princípio*».⁹² Isto era absolutamente claro: a eleição dos comandantes era um dos meios mais seguros para desmoralizar e destruir qualquer exército. Que soldado iria eleger um

⁸⁷ Idem, ibidem, p. 294.

⁸⁸ SW 4/220 e seg.

⁸⁹ *O PCUS nas suas Resoluções e Deliberações dos Congressos, Conferências e Plenários do CC*, Berlim, 1957, Vol. III, p. 25 e seg. Em seguida chamado PCUS R e D. [Cotejado com o original russo, Moscovo, 1953, 7.^a edição, parte I, p. 417. (N. Ed.)]

⁹⁰ Idem, ibidem. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

⁹¹ Idem, ibidem, p. 26. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

⁹² Idem, ibidem p. 27. [Idem, ibidem, p. 418. (N. Ed.)]

oficial rigoroso, que fosse ao mesmo tempo um especialista militar competente, e não preferiria um oficial liberal, mesmo que este não percebesse nada da condução da guerra? Diante do exército burguês, esta exigência tem um sentido político, nomeadamente o de desmoralizar o órgão repressivo mais importante do Estado burguês. Não era por isso nenhum milagre que as forças contra-revolucionárias apresentassem esta exigência ao Exército Vermelho, o que também podia suscitar simpatias junto de alguns soldados vermelhos. A exigência de «democratização» das forças armadas, de trocar «*espadas por arados*», também foi feita nos anos 80 pelos demagogos contra-revolucionários – exactamente nos estados socialistas! – enquanto nos estados imperialistas o armamento e a reorganização qualitativa do armamento continuavam alegremente, naturalmente «com consenso parlamentar». Do outro lado, o apelo à «democratização» não passou de um logro.

Nas resoluções do IX Congresso do PCR(b) (29 de Março – 5 de Abril de 1920) há de novo uma orientação minuciosa para a «*transição para o sistema de milícias*», que devia concretizar-se «*gradualmente*», «*de acordo com a situação militar, internacional e diplomática da República Soviética, com a condição indispensável de que a capacidade de defesa da última se mantenha em qualquer momento na devida altura.*»⁹³ No parágrafo final afirma-se: «*A milícia, desenvolvendo-se no sentido da sua transformação em povo comunista armado, deverá, no período actual, manter na sua organização todas as características da ditadura da classe operária.*»⁹⁴

A transformação do Exército Vermelho numa milícia, e esta em «*povo comunista armado*», podia ser compreensível neste período, em que a esperança de uma revolução na Europa, embora fraca, ainda existia, e a República Soviética se tinha afirmado na Guerra Civil e de Intervenção. Contudo, demonstrou ser ilusória. Em nenhum momento pôde ser realizada, já que as potências imperialistas e também os pequenos estados capitalistas, desde o primeiro dia até ao seu fim, se mantiveram inimigos da República Soviética (União Soviética a partir de Dezembro de 1922).

Se a abolição das classes e uma revolução mundial vitoriosa eram as condições para um «*povo comunista armado*», então põe-se a questão: para quê ainda uma milícia, um «*povo armado*»? O estado da técnica militar nos anos 20 do século XX podia ainda ter possibilitado uma milícia para tropas convencionais. Com a introdução de técnicas modernas na Força Aérea e na Marinha de Guerra, um sistema de milícias tornou-se ilusório. Outra coisa é a formação de reservistas, de oficiais e sargentos de reserva, que são chamados periodicamente para exercícios e instrução em novas armas, como é normal em todos os exércitos modernos desde o final do século XIX. Um tal sistema não pode naturalmente estar ligado à região de origem dos reservistas recrutados, aos seus locais de produção, empresas, etc. As chamadas «guardas nacionais» da França, EUA, entre outros, são diferentes, já que só têm tarefas internas. Os grupos de combate da classe operária na RDA, que estavam ligados a determinados territórios, empresas, etc., podiam ser vistos como «milícias da ditadura da classe operária», mas não eram um exército regular, o que também não era a sua tarefa.

⁹³ Idem, *ibidem* p. 143. [Resolução do IX Congresso do PCR(b) sobre a transição para o sistema de milícias], PCUS, ed. cit., p. 502. (N. Ed.)

⁹⁴ Idem, *ibidem* p. 144. [Idem, *ibidem*, p. 502. (N. Ed.)]

Na Primavera de 1919, a República Soviética encontrava-se numa situação muito perigosa. Koltchak tinha sido efectivamente derrotado na região de Perm, mas conseguiu reunir na Sibéria um exército de 400 mil homens, através de novo recrutamento e com armamento das potências da Entente, e estava novamente a aproximar-se do Volga.

No Sul, os guardas brancos sob o comando de Deníkinne tinham ocupado o Norte do Cáucaso, a região de Kuban e a quase totalidade da região de Donets. O exército de Deníkinne avançou igualmente na direcção do Volga, onde se devia juntar ao exército de Koltchak para marcharem sobre Moscovo. A Oeste, o exército polaco atacou a República Bielorrússia-Lituânia e ocupou Vilna, Brest e Baránovitchi. Na Letónia, os guardas brancos do general Rodzianko conseguiram derrubar o poder soviético. Às portas de Petrogrado estavam as tropas de Iudénitch, apoiadas do lado do mar por uma frota inglesa.

A imprensa inglesa já se regozijava com a queda iminente do poder soviético na Rússia.⁹⁵

Em 17 de Maio de 1919, o Conselho de Defesa da República enviou Stáline para a frente Oeste, com poderes extraordinários, para organizar a defesa de Petrogrado contra a ofensiva de Iudénitch e Rodzianko. Numa nota enviada por linha directa, Stáline informou Lénine sobre acontecimentos estranhos em Petrogrado: nem o comandante-em-chefe da frente, nem o chefe do estado-maior conheciam as unidades enviadas para Petrogrado. O comandante-em-chefe propôs reduzir a frota por causa da crise dos combustíveis. Stáline aconselhou-se com os quadros da Marinha. Provou-se que a proposta do comandante-em-chefe era «*completamente errada*» e os seus argumentos duvidosos. Primeiro, se os grandes navios fossem imobilizados não seria possível utilizar os seus canhões, já que o movimento destes dependia do movimento do navio. Segundo, a falta de munições de grande calibre era falsa, já que foram «descobertos» doze batelões com munições deste tipo. Terceiro, a crise dos combustíveis estava a terminar, visto que se conseguira armazenar 420 mil pud (1 pud = 16,38 kg) de carvão, sem contar com o mazute. E quarto, a marinha de guerra estava a tornar-se numa «*verdadeira armada com marinheiros disciplinados*», que «*estão prontos a defender Petrogrado com todas as forças*». As forças navais existentes eram suficientes para defender «*com honra Petrogrado de qualquer ataque por mar*». Por tudo isto, Stáline, como todos os camaradas de Petrogrado, insistia na rejeição da proposta do comandante-em-chefe.⁹⁶

Nesta nota ainda não se falava de traição.

Num outro telegrama a Lénine, de 16 de Junho de 1919, Stáline informou sobre a conquista dos fortes de Krásnaia Gorka e Séraia Lóchad, no arredores de Petrogrado, onde os guardas brancos, mencheviques e socialistas-revolucionários de esquerda tinham conseguido instigar a guarnição a amotinar-se. A tomada de Gorka foi feita por mar, apesar de supostamente tal não ser possível de acordo com o estado da «*ciência naval*». Stáline explica que «*a rápida tomada de Gorka explica-se pela mais rude ingerência da*

⁹⁵ Ver Bérkhine, op. cit., p. 160 e seg.

⁹⁶ SW 4/229 e seg. [«Nota enviada de Petrogrado por linha directa a V.I. Lénine», 25 de Maio de 1919, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 258-259. (N. Ed.)]

*minha parte e em geral dos civis nos assuntos operacionais, ao ponto de se ter anulado ordens em mar e em terra e imposto as nossas próprias».*⁹⁷

Também aqui ainda não havia referências a traição.

Num telegrama dirigido a Stáline, de 27 de Maio, Lénine exprime a suspeita sobre a «*existência na nossa retaguarda, e talvez até na própria frente, de traição organizada. (...) Parece que o inimigo tem a certeza absoluta de que não dispomos de uma força militar minimamente organizada para a resistência, e que, para além disso, conta com ajuda na retaguarda.*» Lénine refere ainda incêndios, dinamitação de pontes, motins, e insta para que preste «*uma atenção reforçada a estas situações*» e se tomem «*medidas extraordinárias para descobrir conspirações.*»⁹⁸

Stáline informou Lénine sobre os acontecimentos nas frentes Oeste e Norte, na nota enviada em 18 de Junho de 1919 por linha directa, assim como abordou pormenorizadamente o assunto numa entrevista ao correspondente do *Pravda*, em 8 de Julho de 1919.

Primeiro comparou Koltchak com Rodzianko e avaliou as suas capacidades militares; Koltchak era «*o adversário mais sério*», visto que tinha «*território suficiente para retirar, suficiente material humano para o exército e uma retaguarda rica em trigo*». Em comparação com Koltchak, Rodzianko era «*um mosquito*», visto que não «*tinha trigo na retaguarda, território para retirar, nem material humano suficiente.*»

A mobilização dos jovens de 20 anos seria o seu «*enterro, dado que os camponeses não vão tolerar tal mobilização e afastar-se-ão inevitavelmente de Rodzianko.*»⁹⁹

Neste contexto, Stáline opôs-se à ordem dada pelo comandante-em-chefe do Exército Vermelho, neste período I.I. Vatsetis, ao Conselho Militar Revolucionário da frente Leste para que suspendesse a ofensiva contra Koltchak e enviasse grande parte das divisões para a frente Sul, onde as tropas soviéticas eram seriamente ameaçadas por Deníkine. Este plano de Vatsetis teve também o apoio de Trótski. Todavia, Koltchak ainda não estava vencido, e a execução desta ordem fatal ter-lhe-ia dado a possibilidade de concentrar novas reservas da Sibéria e, apoiando-se na indústria dos Urais, iniciar uma nova ofensiva.¹⁰⁰ Na sua nota Stáline sublinha que «*não se devia em caso algum transferir da frente Leste para a frente de Petrogrado uma tal quantidade de tropas que nos obrigue a suspender a ofensiva na frente Leste*»¹⁰¹ contra Koltchak.

Ora no plano de Vatsetis/Trótski não só se falava do reforço da frente Sul, através da retirada de grande parte das divisões da frente Leste, mas também que se devia reforçar a frente Oeste à custa do enfraquecimento da frente Leste. «*Para encostar Rodzianko à fronteira estoniana*», não havia necessidade de se ir mais longe, bastava «*uma divisão, cujo envolvimento não implica a interrupção da ofensiva na frente Leste.*»¹⁰²

Por conseguinte, Stáline tinha não apenas as frentes Oeste e Norte debaixo de olho, mas todas as frentes da guerra, principalmente a frente Leste, que nesta altura era a

⁹⁷ SW 4/231. [«Nota enviada de Petrogrado por linha directa a V.I. Lénine», 18 de Junho de 1919, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 261. (N. Ed.)]

⁹⁸ LW 29/391. [V.I. Lénine, ed. cit., tomo 50, p. 325. (N. Ed.)]

⁹⁹ SW 4/232. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 262. (N. Ed.)]

¹⁰⁰ Bérkhine, op. cit., p. 165.

¹⁰¹ SW 4/232. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 261. (N. Ed.)]

¹⁰² Idem, ibidem. [Idem, ibidem, p. 262. (N. Ed.)]

frente principal. No Verão de 1919, Koltchak era o inimigo mais perigoso da República Soviética. Por deliberação do Plenário do CC do PCR(b), de 3 de Julho de 1919, Serguei Serguéievitch Kámenev (não confundir com Lev Kámenev) substituiu Vatsetis ¹⁰³ no comando supremo das Forças Armadas da República. Em 13 de Julho, M.V. Frúnze foi nomeado comandante-em-chefe da frente Leste.¹⁰⁴

Se Rodzianko em comparação com Koltchak era «*um mosquito*», incapaz de tomar Petrogrado com as suas próprias forças, de que modo ele e Iudénitch juntos eram perigosos?

Stáline já tinha apontado as causas. Fora descoberta uma grande conspiração contra-revolucionária na região de Kronstadt. O seu objectivo era «*conquistar a fortaleza, submeter a armada, atacar pela retaguarda as nossas tropas e abrir caminho a Rodzianko para Petrogrado. Temos os respectivos documentos nas mãos.*»¹⁰⁵

Esta conspiração explicava o «*atrevidimento*» de Rodzianko «*de marchar sobre Petrogrado com forças relativamente pequenas*», «*o descaramento dos finlandeses*», «*a deserção geral dos nossos oficiais militares*», assim como a «*estranha ocorrência*» de, no momento da traição de Krásnaia Gorka, os navios ingleses «*terem desaparecido algures*». Manifestamente os ingleses não queriam «*ingerir-se directamente no assunto (intervenção!)*», preferindo aparecer mais tarde, «*depois da passagem da fortaleza e da armada para as mãos dos brancos*» para «*”ajudar o povo russo” a instaurar uma nova “ordem democrática”.*»¹⁰⁶

Stáline tinha discernido muito bem a relação entre contra-revolução, intervenção imperialista e a bênção de uma nova «*ordem democrática*». O que neste momento talvez ainda não soubesse era que por trás da frota inglesa se encontrava o ministro da Guerra da Grã-Bretanha, Winston Churchill, que já nesta altura queria matar o bolchevismo no seu berço. Em Stáline não se encontra ainda qualquer referência a Churchill. Os trabalhadores ingleses lutavam contra a intervenção da Inglaterra, sob o lema «*Tirem as mãos da Rússia Soviética*», o que obrigou Churchill a recorrer a meios subversivos.

O objectivo da «*democracia*», com o qual as guerras de intervenção imperialistas são disfarçadas de «*acções humanitárias*», não é portanto nada de novo.

Todo o plano de Rodzianko e Iudénitch baseava-se no «*desfecho com êxito da conspiração*», financiada pela Inglaterra através das embaixadas italiana, suíça e dinamarquesa. Stáline pede a Lénine para que não haja «*qualquer indulgência para com os altos funcionários detidos das embaixadas, que sejam mantidos em regime rigoroso até ao final da instrução, que irá revelar novas e abundantes tramas*».¹⁰⁷

Ao *Pravda*,¹⁰⁸ Stáline ainda referiu o envolvimento nesta conspiração das embaixadas francesa, sueca, grega, italiana, holandesa, romena e outras.

¹⁰³ Sobre Vatsetis ver Hans-Jürgen Falkenhagen, *Lev Trótski e a Essência do Trotskismo*, Parte II, Coleção de Opúsculos citada, Caderno n.º 96/1, Berlim, Fevereiro, 2003, p. 31, 33-38, 43 e seg.

¹⁰⁴ Bérkhine, op. cit., p. 844, nota de rodapé 45.

¹⁰⁵ SW 4/232 e seg. [«Nota a Lénine», de 18 de Junho de 1919, I.V. Stáline, ed. cit., p. 263. (N. Ed.)]

¹⁰⁶ Idem, ibidem, p. 233. [Idem, ibidem, p. 263. (N. Ed.)]

¹⁰⁷ Idem, Ibidem.

¹⁰⁸ «Sobre a Frente de Petrogrado, conversa com o correspondente do *Pravda*», 8 de Junho de 1919, I.V. Stáline, ed. cit., pp. 265-271. (N. Ed.)

Em algumas embaixadas foram encontradas metralhadoras e espingardas, até um canhão na embaixada romena, assim como instalações telefônicas secretas. «*Estes senhores lançavam dinheiro à esquerda e à direita, subornando tudo o que era subornável na retaguarda do nosso exército.*» A «*parte subornável do corpo de oficiais russo*» passou-se para o inimigo.

Como mais tarde se verificou, «*os burgueses e latifundiários humilhados pelo proletariado de Petrogrado tinham reunido armas*» para, num momento favorável, «*atacar pelas costas as nossas tropas*». Nos bairros burgueses de Petrogrado foram encontradas quatro mil espingardas e várias centenas de explosivos.¹⁰⁹

Finalizando a questão das frentes Oeste e Norte, chame-se ainda a atenção para um telegrama de Lênine para o Comité de Defesa de Petrogrado, dirigido a Zinóviev, de 13 de Maio de 1919, no qual se pede «*resposta exhaustiva às seguintes questões: por que motivos foi decidido evacuar algumas fábricas em Petrogrado e arredores, quem e por que razão ordenou o afundamento de navios, qual é o número total dos operários mobilizados e dos que ficaram nas fábricas, estão a ser efectivamente utilizados todos os mobilizados para as necessidades da defesa, a que se deve a nomeação de comissários para as empresas estatais, está a ser feito um recrutamento indiscriminado dos cidadãos ou seguem-se as disposições do poder central?*»¹¹⁰

Enquanto membro do CC do partido, Zinóviev tinha uma enorme responsabilidade política na defesa de Petrogrado. Se ele e os partidários de Trótski (gente de Zinóviev e trotskistas) sabotaram efectivamente a defesa de Petrogrado com o intuito de entregar a cidade ao inimigo, como se pode depreender da nota de rodapé sobre o telegrama de Lênine,¹¹¹ ou se a desorganização da defesa se deveu apenas à incapacidade de Zinóviev é uma questão que tenho de deixar em aberto. No mínimo Zinóviev agiu irresponsavelmente, o que na guerra é um crime indesculpável. O plano para a evacuação da cidade e para o afundamento dos navios da armada existiu. Zinóviev não é referido na conspiração descoberta nem no relatório de Stáline. Se ele estivesse envolvido, Stáline tê-lo-ia seguramente nomeado. Na *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique), Breve Curso*, Zinóviev não é igualmente referido no que diz respeito à defesa de Petrogrado.¹¹²

¹⁰⁹ Idem, ibidem, p. 236 e 237. [Idem, ibidem p. 267]

¹¹⁰ LW 35/365. [«Telegrama ao Comité de Defesa de Petrogrado», 13 de Maio de 1919, V.I. Lênine, ed. cit., tomo 50, p. 384 (N. Ed.)]

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 567, nota de rodapé 255. [Na 7ª edição das *Obras Completas* de V.I. Lênine (em russo), tomo 50, p. 496, a nota n.º 428 refere o seguinte: «No início de Maio de 1919, em Petrogrado, devido à ameaça de ofensiva por parte das tropas finlandesas brancas, foi desencadeada a mobilização dos trabalhadores da cidade. Porém, alguns dirigentes de Petrogrado, incluindo o presidente do Comité de Defesa da cidade, G.E. Zinóviev, subestimaram as forças e possibilidades dos defensores de Petrogrado. Entrando em pânico, decidiram, sem informar o Conselho de Defesa, evacuar algumas empresas da cidade e dos arredores e preparavam-se para afundar a frota do Báltico. Em Petrogrado foi iniciada a mobilização geral dos operários, o que provocou quebras na produção de muitas empresas industriais de grande importância para a defesa. Foi neste contexto que V.I. Lênine enviou em nome do Conselho da Defesa o presente telegrama.» (N. Ed.)].

¹¹² *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique), Curso Breve*, Berlim, 1946, p. 287. Em seguida chamado «Breve Curso».

Em 26 de Setembro de 1919, por deliberação do CC do PCR(b), Stáline foi enviado para a frente Sul, onde devia organizar a defesa contra o exército de Deníkine. A 27 de Setembro é nomeado membro do Conselho Militar da Frente Sul. Dias depois da sua chegada ao quartel-general da frente Sul, em Sérpukhov, 3 de Outubro, Stáline informa Lénine, em carta de 15 de Outubro,¹¹³ do seu plano para derrotar as tropas de Deníkine, no qual também tem em conta factores políticos e nacionais.

De acordo com a directiva do comandante-em-chefe da frente Sul – em cuja elaboração Trótski, entretanto retirado da frente Sul, ainda tinha participado – a ofensiva contra Deníkine devia partir do distrito de Tsarítsine, através da estepe de Don, para Novorossisk.

Esta *«louca campanha (prevista) num meio que nos é hostil, em condições de absoluta inexistência de caminhos praticáveis, ameaça-nos com um total fracasso»*. (...) *«Esta campanha contra as stanizas¹¹⁴ cossacas»* apenas serviria para *«unir os cossacos em torno de Deníkine em defesa das suas stanizas contra nós, (...) fazer de Deníkine o salvador do Don, (...) criar um exército de cossacos para Deníkine, (...) reforçar Deníkine.»*¹¹⁵

O plano de Stáline previa lançar *«a ofensiva principal a partir da região de Vorónej através de Kharkov e da bacia de Donets em direcção a Rostov»*. Primeiro, Em vez de um meio hostil, era *«uma região nossa simpatizante»*, o que *«facilita o nosso avanço»*. Segundo, obter-se-ia *«a importantíssima rede ferroviária (na região do Don) e a principal artéria que alimenta o exército de Deníkine – o linha Vorónej-Rostov.»* Terceiro, o exército de Deníkine seria deste modo partido em duas partes, *«das quais, deixaremos o exército de voluntários à mercê de Machno [bandos kulaques-anarquistas, que provocaram desordens no Sul da Rússia e na Ucrânia], enquanto colocamos o exército de cossacos sob a ameaça de um ataque pela retaguarda»*. Quarto, isto daria a *«possibilidade de provocar a desavença entre os cossacos e Deníkine.»* No caso de o avanço soviético ter êxito, Deníkine tentaria deslocar o exército dos cossacos para Oeste, o que não seria aceite pela maioria dos cossacos *«se, naturalmente, nessa altura colocarmos aos cossacos a questão da paz, das negociações de paz, etc..»* Quinto, *«nós ficamos com carvão enquanto Deníkine fica sem carvão»*.¹¹⁶

¹¹³ SW 4/243 – 245. [«Carta a Lénine da frente Sul», 15 de Outubro de 1919, I.V. Stáline, op. cit., tomo 4, pp. 275-277 (N. Ed.).] Há incerteza quanto à data. Nas actas do ZPA do IML, Fundo 2, Lista I, Doc. 11 168, Tomo II e verso, é referida a data de 15 de Setembro. Isto não pode estar correcto porque Stáline só chegou a Sérpukhov a 3 de Outubro. Uma outra data, 15 de Novembro, é dada como certa. Ver HPCUS 6, Vol. III/2, p. 390, nota de rodapé 133. [ZPA- *Zentral Parteiarchiv der SED* (Arquivo Central do Partido); IML - *Institut für Marxismus-Leninismus* (Instituto para o Marxismo-Leninismo). Com o Tratado entre a RFA e o PDS de 29 de Dezembro de 1992, o ZPA foi incluído com a Fundação Arquivo dos Partidos e Organizações de Massas da RDA no Arquivo Federal. Ambos os arquivos não eram públicos, mas sim instituições da própria organização SED. (N.T.)]

¹¹⁴ Unidade administrativa rural, composta por uma ou várias aldeias, existente na região dos cossacos, no Sul da Rússia, antes do Cáucaso. (N.T.)

¹¹⁵ SW 4/244. [«Carta a Lénine da frente Sul», I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 276. (N. Ed.)]

¹¹⁶ Idem, ibidem, p. 244 e seg. [Idem, ibidem, p. 277. (N. Ed.)]

O plano de Stáline foi aceite. Como é perceptível no telegrama a Lénine, de 25 de Outubro, apareceram os primeiros êxitos: a cavalaria de Budiónni derrotou a cavalaria de Deníkine e tomou Vorónej.¹¹⁷

Elucidativo é o seu artigo «Sobre a situação militar no Sul», no *Pravda*, de 28 de Dezembro de 1919.¹¹⁸

Na parte I, Stáline resume as derrotas das tropas da Entente e contra-revolucionárias em todas as frentes no ano de 1919. O seu objectivo, tal como formulado por Deníkine, de «*estrangular o bolchevismo com um golpe, privando-o dos seus principais centros vitais – Moscovo e Petrogrado*» ou, como declarou o general Mai-Maévski, «*chegar a Moscovo com as suas tropas “o mais tardar em Dezembro, para o Natal de 1919”*» não foi alcançado. (O mesmo aconteceu 22 anos mais tarde com um outro «grande» general.)

Stáline resumiu: «*Também desta vez a Rússia se mantém intacta e ilesa.*»¹¹⁹

Na parte II, a parte principal, Stáline analisou as causas da derrota da contra-revolução, principalmente de Deníkine:

«A) A precariedade da retaguarda das tropas contra-revolucionárias.»

Stáline já tinha referido noutros trabalhos o papel da retaguarda na guerra. «*Nenhum exército do mundo pode vencer sem uma retaguarda estável.*» Esta precariedade explicava-se pelo «*carácter social*» do governo Deníkine-Koltchak. Consigo trouxeram não só «*o jugo do latifundiário e do capitalista, mas também o do capital anglo-francês.*» Deníkine-Koltchak representavam, portanto, uma dupla exploração e opressão das massas populares, através do capital nacional e anglo-francês.

Uma vitória de Deníkine e Koltchak significaria «*a perda da independência da Rússia, a transformação da Rússia numa vaca leiteira dos ricalhaços ingleses e franceses.*» O governo Deníkine-Koltchak era neste sentido o maior inimigo do povo e o mais antinacional. Pelo contrário, o governo soviético era «*o único governo popular*» e o «*único governo nacional*». Isto porque consigo trazia não só a libertação dos trabalhadores, mas também a libertação de toda a Rússia do jugo do imperialismo mundial.

O Governo Soviético personificava, por conseguinte, a libertação social e nacional dos trabalhadores da Rússia. É de sublinhar que Stáline, a par do conteúdo social, do aspecto de classe da Guerra Civil, também tem em conta o interesse nacional. Com isso conseguiu ganhar oficiais patriotas, que não eram comunistas, para servir no Exército Vermelho. Nas condições referidas, o governo Deníkine-Koltchak e as suas tropas não tinham o apoio de «*largos estratos da população russa*». A retaguarda de Deníkine e de Koltchak «*está a quebrar*», enquanto a retaguarda do governo soviético alimenta «*com a sua seiva a frente vermelha*» porque tem a confiança das massas populares.

«B) A situação periférica da contra-revolução.»

Logo no início da Revolução de Outubro esboçou-se «*uma certa demarcação geográfica entre revolução e contra-revolução*». No decurso da guerra civil, esta delimitação estabeleceu-se «*definitivamente*».

¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 246.

¹¹⁸ Idem, ibidem, p. 250-257.

¹¹⁹ Idem, ibidem, p. 250 e seg. [«Sobre a situação militar no Sul», *Pravda*, 28 de Dezembro de 1919, I.V. Stáline, op. cit., tomo 4, pág. 283. (N. Ed.)]

A Rússia interior com os seus centros industriais e político-culturais – Moscovo e Petrogrado – homogénea no aspecto nacional, com população predominantemente russa, tornou-se a «base da revolução». As regiões de periferia, principalmente a Sul e a Leste – que não tinham centros industriais e político-culturais importantes e eram, no aspecto nacional, muito heterogéneas, constituídas, de um lado, por «colonizadores cossacos privilegiados», de outro lado, por tártaros, bachkires, quirguizes, ucranianos, tchetchenos, inguches e outros povos muçulmanos «sem plenitude de direitos civis» –, tornaram-se a base da contra-revolução. A conclusão era de que, sem unidade da retaguarda, nacional e especialmente de classe, são impensáveis êxitos duradouros numa guerra civil implacável.

Ao atingirem uma determinada fronteira, a fronteira da Rússia interior, as tropas contra-revolucionárias sofrerão uma derrota inevitável.¹²⁰

Além destas causas «profundas» havia ainda outras, mais próximas, para a derrota das tropas contra-revolucionárias, principalmente na frente Sul:

1) A melhoria do sistema de reservas e de reforços na frente Sul soviética. 2) A melhoria do sistema de abastecimento. 3) A afluência à frente de operários comunistas oriundos dos centros industriais do interior da Rússia. 4) A estabilização do aparelho de administração. 5) A hábil utilização do sistema de ataques de flanco pelo comando da frente Sul. 6) O carácter metódico da própria ofensiva.¹²¹

Stáline demonstrou decididamente ter um pensamento estratégico clássico na avaliação dos combates defensivos do Exército Vermelho contra a invasão das tropas polacas na Ucrânia e na República da Bielorrússia.

Depois do fracasso da ofensiva de Koltchak e Deníkine, as potências da *Entente* apostaram, no início de 1920, num ataque do exército polaco para conquistar a Ucrânia do lado direito do Dniepr e a Bielorrússia. Os guardas brancos de Wrangel, na Crimeia, deviam atacar do Sul em simultâneo, para obrigar o Exército Vermelho a dividir as suas tropas. As potências da *Entente* tinham armado a Polónia com muito material de guerra. Dos EUA a Polónia recebeu, no primeiro semestre de 1920, 200 tanques, 300 aviões e 20 mil metralhadoras. A França forneceu dois mil canhões, três mil metralhadoras, 500 mil espingardas e 350 aviões. O exército polaco possuía 740 mil homens. Cerca de 700 oficiais franceses, entre eles 38 generais e comandantes, assumiram o papel de instrutores do exército polaco.¹²²

Como Churchill escreveu nas suas memórias, o exército polaco era aconselhado pelo general francês Weygand e apoiado pela missão britânica sob a direcção do Lord D'Abernon.¹²³

¹²⁰ Idem, ibidem, p. 254 e seg.

¹²¹ Idem, ibidem, p. 255 e seg. [Idem, ibidem, pp. 284-288 (N. Ed.)]

¹²² Ver Bérkhine, op. cit., p. 179.

¹²³ Winston S. Churchill, *A II Guerra Mundial*, Berlim-Munique-Viena, nova edição, 1989, p. 185.

A 25 de Abril de 1920, os polacos iniciaram a ofensiva contra a Ucrânia, em 17 de Maio ocuparam Kíev. A responsabilidade por esta situação era de Trótski, nesta altura presidente do Conselho Militar da República. Ele tinha subestimado o perigo que as tropas polacas representavam.

Em 14 de Maio, o Exército Vermelho iniciou a sua contra-ofensiva, sob o comando de Tukhatchévski. Depois de duros combates conseguiu fazer recuar os polacos. Em 12 de Junho, Kíev foi libertada. No início de Julho, os invasores polacos tinham batido em retirada da maior parte da Ucrânia. Na primeira quinzena de Julho, as tropas do Exército Vermelho expulsaram os polacos de Minsk e Vilna.¹²⁴

Mais ou menos simultaneamente, os guardas brancos de Wrangel iniciaram a sua ofensiva a partir da Crimeia em direcção à região Norte do Mar Negro, e ameaçavam o Exército Vermelho pela retaguarda. Fazendo uma interpretação errada desta perigosa situação e subestimando as possibilidades do exército polaco, o Comando Geral tomou a desastrosa decisão, contra o conselho de Stáline, de continuar a ofensiva em direcção a Varsóvia.

No seu artigo para o *Pravda* (25 e 26 de Maio) «A nova campanha da Entente contra a Rússia», já depois do início da contra-ofensiva do Exército Vermelho e dos seus primeiros êxitos, Stáline avisou contra uma sobrestimação das próprias forças e uma subestimação das forças inimigas.¹²⁵

Voltou de novo a sublinhar o papel da retaguarda na guerra: «*Nenhum exército do mundo pode vencer sem uma retaguarda estável (falamos naturalmente de uma vitória sólida e duradoura).*» Comparou a retaguarda na campanha de Koltchak e Deníkine com a dos polacos. Koltchak e Deníkine não tinham uma retaguarda homogénea, com unidade nacional e de classe, operavam num ambiente hostil e, naturalmente, «*desmoronaram-se ao primeiro golpe forte das tropas soviéticas*». Diferentemente, «*a retaguarda das tropas polacas é homogénea e tem coesão nacional. Daí a sua unidade e tenacidade. O seu ânimo predominante – o sentimento patriótico – transmite-se por múltiplos filamentos à frente polaca, criando coesão nacional e firmeza nas unidades. Daí a tenacidade das tropas polacas. Naturalmente, a retaguarda da Polónia não é homogénea (...) mas os conflitos de classe ainda não atingiram um tal vigor de modo a abalar o sentimento de unidade nacional e contagiar com as suas contradições a frente, heterogénea do ponto de vista de classe. Se as tropas polacas operassem no território da própria Polónia, seria sem dúvida difícil combater contra elas.*»¹²⁶

«*Ao sair das suas fronteiras e penetrando nas regiões contíguas à Polónia, as tropas polacas afastam-se da sua retaguarda nacional, enfraquecem a sua ligação com ela, entram num ambiente nacional que lhes é estranho e em grande parte hostil. E pior que isso: essa hostilidade aumenta devido à circunstância de que a grande maioria da população dessas regiões (Bielorrússia, Lituânia, Rússia, Ucrânia) ser constituída por camponeses não polacos, que sofrem sob o jugo dos latifundiários polacos, e que vêem a*

¹²⁴ Bérkhine, op. cit., p. 179. Ver também HPCUS 6, Vol. III/2, p. 511 e segs.

¹²⁵ SW 4/282-289. [«Nova campanha da Entente na Rússia», publicado no *Pravda*, em 25 e 26 de Maio de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 319-328. (N. Ed.)]

¹²⁶ Idem, ibidem, p. 286. [Idem, ibidem, pp. 323-324. (N. Ed.)]

*ofensiva das tropas polacas como uma guerra pelo poder dos pans [senhores] polacos, como uma guerra contra os camponeses não polacos oprimidos».*¹²⁷

(...) «Tudo isto não poderá deixar de criar no seio das tropas polacas uma atmosfera de incerteza e insegurança, de destruir a sua firmeza de espírito, a sua convicção na justeza da sua causa, a sua confiança na vitória, e a sua coesão nacional não deixará de se transformar de factor positivo em factor negativo.»¹²⁸

(...) «E aqui passamos à questão sobre escolha da região para o ataque principal. Na guerra em geral, e na guerra civil em particular, o êxito, a vitória decisiva, depende frequentemente da escolha acertada da região para o ataque, da região onde se prevê golpear o adversário e em seguida desenvolver o ataque principal. Um dos maiores erros de Deníkine consistiu em ter escolhido como zona para o ataque principal a zona Donets-Khárkov-Vorónej-Kursk, ou seja, uma zona notoriamente insegura para ele».

A escolha de uma região favorável ao poder soviético explica, entre outros, o êxito da ofensiva do Exército Vermelho contra as tropas de Deníkine.

«Este aspecto, não raras vezes descurado pelos velhos militares, tem frequentemente na guerra civil uma importância decisiva.»

Em entrevista com o jornalista da UkrROSTA (filial ucraniana da agência noticiosa russa), publicada na revista *Kommunist* (Khárkov), n.º 140, de 24 de Junho de 1920, Stáline analisa os resultados do rompimento pelo Exército Vermelho da frente do segundo exército polaco, perto de Berdítchev, e da ocupação de Jitómir em 7 de Junho.

Na sequência do ataque soviético, o terceiro e sexto exércitos polacos (na região de Kíev e Kamenets-Podolski respectivamente) foram forçados a bater em retirada. Desse modo iniciou-se «a nossa impetuosa ofensiva geral em toda a frente.»¹²⁹ No Comando Geral, os êxitos foram claramente sobrestimados, e não só por Trótski e Tukhatchévski, que quiseram continuar a ofensiva na direcção de Varsóvia. Embora Stáline não o tenha nomeado explicitamente, Lénine também acreditava poder continuar a ofensiva até Varsóvia, na esperança de um levantamento revolucionário da classe operária polaca.

No final de Julho, na cidade polaca de Bialystok libertada pelo Exército Vermelho, foi constituído o Comité Revolucionário Provisório da Polónia, presidido por Julian Marchlewski e integrado por Feliks E. Dzerjínski, Feliks Kon, Edvard Prochniak e Ióssif Unchlikht. Nas regiões libertadas pelo Exército Vermelho, o Comité Revolucionário nacionalizou a indústria, confiscou os latifúndios assim como as terras dos conventos. Os camponeses foram libertados das suas dívidas. Por proposta de Dzerjínski, as terras dos latifúndios deveriam ser distribuídas pelos camponeses. Porém, o Comité Revolucionário entregou as terras ao Comité dos Camponeses para a criação de herdades do Estado. Esta decisão veio a revelar-se como um grave erro.¹³⁰

O impulso revolucionário provocado pelos êxitos do Exército Vermelho no movimento operário polaco foi, entre outros, manifestamente sobrestimado também por Lénine. Retrospectivamente, Lénine declarou no seu discurso perante o Congresso dos

¹²⁷ Idem, ibidem, p. 286 e seg. [Idem, ibidem, p. 324. (N. Ed.)]

¹²⁸ Idem, ibidem, p. 287. [Idem, ibidem, p. 325. (N. Ed.)]

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 291. [«Sobre a situação na frente Sul, entrevista ao jornalista da UkrROSTA», 24 de Junho de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 331. (N. Ed.)]

¹³⁰ Ver Berchin, op. cit., pp. 181 e 845, nota de rodapé 58.

Trabalhadores dos Curtumes, em 2 de Outubro de 1920: «Na nossa conferência do nosso partido, que terminou há alguns dias, tivemos oportunidade de ouvir o relatório de um operário polaco, representante de um dos maiores sindicatos da Polónia, que se esgueirou de Varsóvia e contou as perseguições que são movidas contra os operários na Polónia, como os operários de Varsóvia viam um libertador no Exército Vermelho, como esperavam pelo Exército Vermelho russo, considerando-o não como seu inimigo, mas pelo contrário um seu amigo na luta contra os pans, contra os opressores burgueses da Polónia.»¹³¹

O derrube da regência de Pilsudski na Polónia, segundo Lénine, teria levado ao desmoronamento de todo o sistema imperialista, tal como se tinha formado de acordo com o Tratado de Versalhes.¹³² Na perspectiva de 1920, esta não era uma afirmação injustificada, mas também não era mais que uma possibilidade. Stáline foi mais sagaz nesta questão quando disse que seria errado acreditar «que tudo estava terminado na nossa frente com os polacos». Eles tinham o apoio de «toda a Entente». Os polacos dispunham ainda de reservas. A «desagregação numa escala de massas ainda não tinha afectado o exército polaco. Havia ainda pela frente «violentos combates». Stáline criticou a «fanfarronice» e a «arrogância» de «certos camaradas», mas não referiu nomes (evidentemente que se tratava de Trótski), alguns dos quais «gritam por uma “marcha sobre Varsóvia”» e efabulam sobre uma «Varsóvia soviética vermelha.»¹³³

A partir da Crimeia, por exigência da Entente, Wrangel iniciara uma ofensiva para «aliviar a situação difícil da Polónia». Stáline era da opinião de que esta ofensiva «tinha aliviado sensivelmente» a situação da Polónia. E afirmou «categoricamente» que «sem o empenhamento de todas as forças na retaguarda, não poderemos vencer na frente».¹³⁴

Um telegrama de Stáline para Lénine, de 25 de Junho de 1920, é esclarecedor sobre a frente na Crimeia, descrevendo de forma concisa a situação existente.

Telegrama a V.I. Lénine

O general Revíchine, feito por nós prisioneiro a 10 de Junho na frente da Crimeia, declarou na minha presença: a) as tropas de Wrangel recebem os equipamentos, os canhões, as espingardas, os tanques e os sabres sobretudo dos ingleses, e depois dos franceses; b) Wrangel é apoiado no mar por navios pesados ingleses e por navios leves franceses; c) recebe os combustíveis (líquidos) de Batum (por isso Baku não deve fornecer combustível a Tiflís, que pode vendê-lo a Batum); d) o general Erdéli, asilado pela Geórgia e sujeito a extradição a nosso favor, logo em Maio já estava na Crimeia (portanto a Geórgia ludibria-nos e engana-nos).

Os depoimentos do general Revíchine sobre a ajuda da Inglaterra e da França estão a ser estenografados e ser-lhe-ão enviados com a sua assinatura, como material para Tchitchérine.

Stáline

25 de Junho de 1920

¹³¹ LW 31/294. [«Discurso no Congresso de Operários e Empregados da Indústria de Curtumes», 2 de Outubro de 1920, V.I. Lénine, ed. cit., tomo 41, pág. 322. (N. Ed.)]

¹³² Idem, ibidem, p. 296 e seg. [Idem, ibidem, p. 325. (N. Ed.)]

¹³³ SW 4/293. [«Sobre a situação na frente Sul» I.V. Stáline, tomo 4, pp. 332-332. (N. Ed.)]

¹³⁴ Idem, ibidem, p. 294. [Idem, ibidem, pp. 333-334. (N. Ed.)]

Publicado pela primeira vez no *Pravda* n.º 313, 14 de Novembro de 1935.¹³⁵

Numa conversa com um jornalista do *Pravda* (11 de Julho de 1920), Stáline advertiu de novo contra uma «marcha sobre Varsóvia»¹³⁶ e analisou com precisão a situação na frente polaca e no Sul contra Wrangel.

Avaliando o trabalho da cavalaria de Budiónni na abertura da brecha na frente polaca e a reconquista de Jítomir, Stáline chamou a atenção para «a resistência desesperada dos polacos.»

Antes de Budiónni ter conseguido romper a frente, «os polacos, diferentemente de Deníkine, cobrindo os mais importantes pontos da frente com uma série de trincheiras e barreiras de arame farpado, combinaram com êxito a guerra de manobras com a guerra de trincheiras. Com isto dificultaram significativamente o nosso avanço.»¹³⁷ Segundo refere, os polacos combateram com extrema determinação. «Só depois da ruptura, os polacos começaram a entregar-se em grupos e a desertar em massa», no que Stáline viu «os primeiros sinais da quebra da firmeza das tropas polacas».

Apesar dos êxitos da cavalaria em Jítomir, Stáline considera que seria «fanfarronice indigna pensar que se deu cabo dos polacos no essencial e que nos resta apenas “marchar sobre Varsóvia”».¹³⁸

A Polónia não estava sozinha. A *Entente* apoiava-a contra a Rússia Soviética. Possuíam reservas. «Na retaguarda das nossas tropas surgiu um novo aliado da Polónia – Wrangel», que, apesar das contradições entre os guardas brancos e a Polónia «chegou a um entendimento e já opera com eles de comum acordo.»

Wrangel ameaça «rebentar com os frutos das nossas vitórias sobre os polacos.»¹³⁹

«É evidente que a frente de Wrangel constitui o prolongamento da frente polaca, com a diferença, porém, de que Wrangel opera na retaguarda das nossas tropas que lutam contra os polacos, isto é, no ponto mais perigoso para nós.

«Por isso é ridículo falar de uma “marcha sobre Varsóvia” e, em geral, da solidez dos nossos êxitos, enquanto não for eliminado o perigo que Wrangel representa. Entretanto, Wrangel reforça-se, e não se vê que estejamos a fazer algo de especial e sério contra a crescente ameaça do Sul.»¹⁴⁰

Num projecto de carta do CC dirigida a todas as organizações do partido, redigido em Julho de 1920, Stáline faz uma avaliação resumida do exército de Wrangel. Este texto contém informações sobre a perigosidade deste exército para a Rússia Soviética.

Em torno de Wrangel tinha-se reunido «um grupo de generais experientes, arrojados e sanguinários, que não se detém perante nada». Nas unidades, os soldados «têm uma excelente coesão, batem-se temerariamente e preferem suicidar-se a ser feitos prisioneiros.

¹³⁵ Idem, ibidem, p. 295. [«Telegrama a V.I. Lénine», 25 de Junho de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 335. (N. Ed.)]

¹³⁶ Idem, ibidem, pp. 296-300. [«Sobre a situação na frente polaca: entrevista com o jornalista do jornal *Pravda*», *Pravda*, n.º 151, 11 de Julho de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 336-341. (N. Ed.)]

¹³⁷ Idem, ibidem, p. 297. [Idem, ibidem, p. 338. (N. Ed.)]

¹³⁸ Idem, ibidem, p. 289 e seg. [Idem, ibidem, p. 339. (N. Ed.)]

¹³⁹ Idem, ibidem, p. 299. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

¹⁴⁰ Idem, ibidem. [Idem, ibidem, p. 340. (N. Ed.)]

«Tecnicamente, as tropas de Wrangel estão melhor apetrechadas que as nossas, prossegue o fornecimento de tanques, carros blindados, aviões, munições e fardamentos a partir do Ocidente, apesar da declaração da Inglaterra sobre a suspensão dos fornecimentos.

«(...) As nossas tropas (...) estão misturadas com prisioneiros de guerra, antigos soldados de Deníkine, que frequentemente se passam para lado do inimigo». Para se conseguir uma reviravolta na frente «é necessário depurar estas tropas dos antigos prisioneiros de guerra e fornecer-lhes grandes contingentes de comunistas voluntários ou mobilizados». A Rússia tem de reconquistar «custe o que custar» a Crimeia, «porque, caso contrário, a Ucrânia e o Cáucaso estarão sempre sob a ameaça dos inimigos da Rússia Soviética.»¹⁴¹

No projecto de carta, Lénine escreveu a seguinte nota dirigida ao secretário do CC: *«Defendo o envio imediato como uma coisa indiscutível.»* A carta foi enviada a todas as organizações do partido na segunda quinzena de Julho de 1920.

Em 16 de Agosto de 1920, as tropas polacas infligiram uma pesada derrota ao Exército Vermelho às portas de Varsóvia. Aconteceu o que Stáline tinha previsto e prevenido. Falkenhagen descreve esta derrota assim: *«As tropas da frente ocidental (as tropas que operavam na zona Norte contra os agressores polacos) aproximaram-se de Varsóvia. A derrota total das tropas polacas estava iminente. Todavia, por culpa de Trótski e de Tukhatchévski, cometeram-se graves erros tácticos no avanço sobre Varsóvia. Não se deixou as tropas vermelhas consolidar as posições conquistadas. As unidades da frente avançaram demasiado, deixando reservas e munições na retaguarda.*

«A linha da frente foi irresponsavelmente prolongada e como consequência facilitou-se a sua ruptura por parte da contra-ofensiva polaca. Para aliviar as tropas vermelhas que operavam perto de Varsóvia, Stáline queria ocupar Lemberg e avançar mais para Ocidente e Noroeste. Se as operações fossem bem organizadas, teriam seguramente garantido a derrota total das tropas polacas. Mas Trótski, na sua qualidade de presidente do Conselho Militar Revolucionário da República, proibiu a ocupação de Lemberg. Ordenou a transferência da Cavalaria I, isto é, a força principal da frente sudoeste, para Nordeste, o que se revelou um erro devastador. Não permitiu a salvação da frente norte e não o podia fazer, já que a cavalaria, devido à distância, não conseguiu chegar a tempo ao local pretendido e, além disso, foi ainda dirigida para a parte errada da frente. Os polacos iniciaram com êxito o cerco. Depois da ruptura [da frente soviética], no Norte reinava o pânico completo. Trótski e Tukhatchévski mostraram-se incapazes até de assegurar uma retirada em boa ordem. Em consequência, as tropas vermelhas que se encontravam às portas de Lemberg tiveram também de retirar, embora aqui, ao contrário do caótico combate na frente de Varsóvia, tudo se desenrolou de forma mais ou menos ordenada e com poucas baixas.

Trótski, que tinha enviado as tropas vermelhas para a ofensiva, com promessas fanfarronas de levar a revolução até à Alemanha, para confirmar a sua teoria da “revolução permanente”, acabava de falhar miseravelmente e há todas as razões para supor que poderá ter provocado a derrota com intuítos secretos. Mais tarde, admitiu-o

¹⁴¹ Idem, ibidem, p. 303. [«A todas as organizações do partido: projecto de carta do CC do PCR(b)», escrito em Julho de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 344-345. (N. Ed.)]

indirectamente na sua obra *A Minha Vida* (russo, págs. 443-446), ao afirmar que nunca dera importância alguma ao avanço para Varsóvia e mais além.

As ordens dadas por Trótski ainda hoje provocam um abanar de cabeça nos círculos de especialistas militares. Com toda a razão, Stáline qualificou a ordem de Trótski, para que as tropas vermelhas no Sul não avançassem mais, como perniciosa, que andava perto da alta traição. “Foi uma ajuda directa à burguesia polaca e aos latifundiários, assim como às potências da Entente.”¹⁴²

Numa nota ao *Polítburo* do CC do PCR(b), de 25 de Agosto, e numa declaração também ao *Polítburo*, de 30 de Agosto, Stáline analisou as causas da derrota e retirou lições que foram importantes para a teoria militar.¹⁴³

A «principal insuficiência do nosso exército», notou Stáline, reside na «ausência de reservas de combate sérias». Por isso era necessário constituir poderosas reservas «passíveis de serem enviadas para a frente a qualquer momento». Em nove pontos traçou um «programa para a criação de reservas de combate da República», que continha medidas exigidas pela situação concreta nas frentes da Rússia Soviética, no Outono de 1920, cuja validade não pode ser generalizada.

Devia-se prosseguir o normal reforço das divisões aptas para o combate e evacuar de imediato para a retaguarda as divisões inaptas para o combate. As divisões de infantaria a retirar deviam ser concentradas em regiões «imprescindivelmente cerealíferas», de onde pudessem ser enviadas rapidamente para as frentes de Wrangel, polaca ou romena, consoante as circunstâncias. As divisões deviam ser completadas e abastecidas de modo a aumentar cada uma delas até sete ou oito mil homens. Deviam estar prontas a entrar em acção a 1 de Janeiro de 1921. Devia-se igualmente reforçar até Janeiro as unidades de cavalaria operativas: o I Exército de Cavalaria com dez mil homens, o segundo com oito mil e o corpo de Gai¹⁴⁴ com seis mil homens. No prazo de dois meses deveriam ser constituídas cinco brigadas de cavalaria, cada uma com 1500 homens. Particular atenção deveria ser dada à reparação e fabrico de automóveis, à indústria de blindagem – principalmente a blindagem de automóveis – reforçar «por todos os meios» a indústria de aeronáutica.¹⁴⁵

Para a época, este programa provou estar correcto sob o ponto de vista militar e corresponder à situação existente. A relação entre produção, armamento, abastecimento e formação de reservas era equilibrada. Era um programa muito intenso. Isto torna-se evidente se calcularmos a quantidade de rações necessária ao abastecimento da cavalaria, que só em reforços iria receber 24 mil cavalos. Daí também a indicação de regiões «imprescindivelmente cerealíferas». Mas os abastecimentos para as tropas em combate assim como para as reservas também tinham de ser transportados. E nem sequer referimos as munições e as armas de substituição. Interessante é a indicação de reforçar a indústria de aeronáutica «por todos os meios». Stáline, pelos vistos, já tinha compreendido a importância de uma força aérea poderosa em futuras guerras.

¹⁴² Falkenhagen, op. cit., p. 50 e seg.

¹⁴³ SW 4/305-308. [«Sobre a criação de reservas de combate da República», 25 e 30 de Agosto, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 346-350. (N. Ed.)]

¹⁴⁴ Gai, Gaia Dmítrievitch, comandante do 3.º Corpo de Cavalaria (ver índice de nomes). (N. Ed.)

¹⁴⁵ Idem, ibidem, p. 306 e seg. [I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, pp. 346-348. (N. Ed.)]

Stáline exprimiu críticas severas a Trótski, que nunca fizera a mínima «*alusão a um plano de formação de reservas*». ¹⁴⁶

As experiências da campanha de Verão (Urais, Sibéria, Cáucaso do Norte) tinham mostrado que as reservas chegavam com grande atraso, com pouca ou nenhuma instrução, e que não existiam unidades específicas de reservas. O período de formação e de completamento tinha de ser previsto com antecedência. O «*trabalho planificado*» para a formação «*de reservas sérias*» tinha de ser iniciado de imediato. Se Trótski pensava «*erroneamente*» que o abastecimento não era «*o mais importante*», então a guerra civil tinha demonstrado o contrário. Metade de todas as «*camisas*» e «*botas*» dadas aos soldados tinha ido parar aos camponeses! Os soldados trocavam-nas por leite, manteiga e carne, e continuariam a fazê-lo para obterem em troca «*aquilo que nós não estamos em condições de lhes dar*». ¹⁴⁷

Stáline critica a «*”doutrina” perniciosa*» segundo a qual caberia aos organismos civis o abastecimento das tropas, e tudo o resto era da competência do estado-maior de campanha. Exige «*insistentemente*» que os órgãos militares elaborem de imediato um plano concreto para a criação de reservas militares, sublinhando que o CC deve «*conhecer e controlar todo o trabalho dos órgãos da administração militar*». ¹⁴⁸

A exposição de Stáline encontrou a sua confirmação no relatório de Lénine no X Congresso do PCR(b) (8-16 de Março de 1921):

«Depois desta circunstância fundamental, que determinou uma série de erros e agudizou a crise, queria falar-vos de como surgiram no trabalho do partido e na luta de todo o proletariado uma série de discrepâncias ainda mais profundas, erros de cálculo ou de planeamento – e não só incorrecções do plano, mas também incorrecções na avaliação da correlação de forças entre a nossa classe e aquelas classes com as quais, em colaboração mas também por vezes em confronto, ela tem de decidir sobre os destinos da República. Partindo deste ponto de vista temos de nos debruçar sobre os resultados do passado, sobre a experiência política, sobre o que o CC, visto que dirigiu a política, deve explicar a si próprio e procurar esclarecer todo o partido. Trata-se de acontecimentos tão variados como o desenrolar da nossa guerra com a Polónia, a questão dos víveres e dos combustíveis. Na nossa ofensiva, ao avançarmos demasiado rápido até às portas de Varsóvia, sem dúvida que se cometeu um erro. Não irei agora analisar se foi um erro estratégico ou político, já que isso me levaria demasiado longe; penso que deverá ser um assunto para futuros historiadores, uma vez que aqueles que são obrigados a continuar, numa luta difícil, a rechaçar todos os inimigos, não podem dedicar-se a investigações históricas. Em todo o caso o erro é evidente, e este erro deve-se ao facto de termos sobrestimado a superioridade das nossas forças. Em que medida esta superioridade de forças dependeu das condições económicas, em que medida dependeu do facto de a guerra com a Polónia ter despertado sentimentos patrióticos mesmo entre elementos pequeno-burgueses, de modo algum proletários, que não simpatizavam de maneira nenhuma com o comunismo, que não apoiavam incondicionalmente a ditadura do proletariado, e até por vezes, devemos dizê-lo, não a

¹⁴⁶ Idem, ibidem, p. 307. [Idem, ibidem, pp. 348. (N. Ed.)]

¹⁴⁷ Idem, ibidem, p. 308. [Idem, ibidem, p. 349. (N. Ed.)]

¹⁴⁸ Idem, ibidem. [Idem, ibidem, pp. 349-350. (N. Ed.)]

apoiavam de todo – elucidar tudo isto seria demasiado complicado. Mas um facto é evidente: na guerra com a Polónia cometemos um determinado erro.»¹⁴⁹

As consequências deste erro chegam até ao presente. Sobre isto o autor polaco Stefan Warynski, de Varsóvia, no seu artigo «Gémeos siameses», escreveu: *«Desde o início que o anticomunismo e o anti-sovietismo surgiram na Polónia como gémeos siameses. Na Primavera de 1920, o governo de Varsóvia invadiu o território soviético. Numa contra-ofensiva, o Exército Vermelho expulsou os invasores e em Agosto encontrava-se junto ao Vístula. A supremacia temporária e o cálculo político errado levaram o Conselho dos Comissários do Povo a instalar nas regiões ocupadas com população polaca um governo provisório pró-soviético e a iniciar transformações revolucionárias. A população teve um comportamento reservado face às mudanças, e de qualquer forma estas só iriam durar algumas semanas. Mas a campanha soviética em terras polacas revelou-se um erro político e estratégico-militar sobretudo porque os 123 anos de domínio tsarista nesta região tinham terminado só em 1918. Assim a burguesia polaca conseguiu mobilizar todas as classes e estratos para “defender a pátria”. Em 15 de Agosto, as tropas polacas iniciaram a contra-ofensiva. Rechaçaram o Exército Vermelho até bastante para lá da Bielorrússia. Mais tarde foi imposta à Rússia Soviética uma paz humilhante. Desde então – e de novo a partir de 1990 – esse dia de Agosto tornou-se feriado oficial.*

Esta vitória do país, na época apoiado militar e economicamente pelo Ocidente, sobre o jovem poder soviético foi interpretada por muitos polacos do seguinte modo: tsar ou comunistas, os russos não deixam de ser russos. O seu objectivo é subjugar a Polónia, os russos são expansionistas e – custe o que custar – não se deve deixá-los em território polaco, visto que de imediato tratam de acelerar a revolução social. Os comunistas polacos são criados dos russos, pretendendo, de uma forma especialmente perversa, destruir a alma do seu próprio povo, a sua identidade nacional e a fé católica. Contudo, a pequena Polónia, enquanto baluarte antibolchevique e defensora da civilização cristã-europeia, demonstrou que é capaz de resistir a um adversário numericamente superior e até vencê-lo militarmente. Esta avaliação irrealista é um dos factores mais importantes que explica o facto de os anticomunistas polacos terem sido e continuarem a mostrar-se especialmente motivados, resistentes, obstinados e insensatos. A vitória de 1920 foi interpretada pela Igreja Católica – a força anticomunista mais poderosa na Polónia – como “o milagre do Vístula” na luta contra o “Anticristo”. Esta derrota do Exército Vermelho havia salvado a Europa dos Vermelhos.»¹⁵⁰

O anticomunismo, uma ampla russofobia com profundas raízes na história, ideologia que é apoiada e santificada pelo clero na sociedade polaca, assim como a sua situação estratégica fazem com que a Polónia desempenhe hoje um papel importante como posto avançado da NATO contra a Rússia.

Tal como as potências da Entente utilizaram a Polónia como ponta de lança contra a jovem República Soviética. A invasão da URSS pela *Wehrmacht* fascista, em 22 de Junho

¹⁴⁹ LW 32/171. [«Relatório sobre a actividade política do CC do PCR(b)», 8 de Março de 1921, X Congresso do PCR(b), V.I. Lênine, ed. cit., tomo 43, pp. 10-11. (N. Ed.)]

¹⁵⁰ Rotfuchs, Ano 5, n.º 51, Abril de 2002, p. 19. [«Raposa Vermelha», revista dirigida por Klaus Steiniger. (N.T)]

de 1941, partiu de solo polaco, e também hoje a Polónia se encontra na primeira fila para uma intervenção na Rússia, caso aí venham a eclodir revoluções sociais, que não são aceitáveis pelo capital monopolista internacional, nomeadamente o alemão, ou na eventualidade de uma ordinária guerra de rapina.

A Polónia da NATO tornou-se de novo numa ameaça para a Rússia – uma situação que não deve passar despercebida aos militares russos.

Interessante e actual é uma observação de Stáline sobre a situação no Cáucaso em Novembro de 1920. A grande importância do Cáucaso resultava não só das matérias-primas, combustíveis e dos víveres existentes, mas também da sua situação geográfica, entre a Europa e a Ásia, especialmente entre a Rússia e a Turquia, com vias de comunicação de suma importância económica e estratégica (Batum-Baku, Batum-Tabriz, Batum-Tabriz-Erzurum).¹⁵¹

Nessa altura, a *Entente* dominava Constantinopla, a chave para o Mar Negro, e desejava conservar «*a estrada directa para o Oriente através da Transcaucásia. Quem por último se afirmará no Cáucaso, quem irá aproveitar o petróleo e as mais importantes estradas para o interior da Ásia, a revolução ou a Entente? – nisto reside toda a questão.*»¹⁵²

O plano do capital monopolista alemão na II Guerra Mundial previa a conquista desta região – do petróleo e dos cereais – como um objectivo prioritário da sua guerra de agressão contra a União Soviética. Esta guerra de conquista teria igualmente acontecido caso a Rússia tsarista se tivesse mantido. Hitler não foi mais do que o executor da vontade da parte mais reaccionária e rapace do capital monopolista alemão. A derrota do 6.º Exército em Stalingrado, em Fevereiro de 1943, provocou o fim destes sonhos.

Depois da destruição contra-revolucionária da União Soviética em 1991, os grandes *trusts* do petróleo, e não só estes, introduziram-se de novo na região da Transcaucásia. A situação estratégica do Cáucaso, o caminho para a Ásia Central através da antiga República Soviética, criou o contexto da guerra na Tchetchénia. Saberemos porventura mais tarde quem realmente se encontra por trás dos separatistas tchetchenos.

A transformação, em 1920, de Tiflis «*numa base das actividades contra-revolucionárias*», a formação de «*governos burgueses no Azerbaijão, no Daguestão e nos povos das montanhas da região de Tersk (...) com os meios da Entente e a ajuda da Geórgia burguesa*», mostram «*que os velhos lobos da Entente não dormem*». As «*garras rapaces da Entente*» estavam estendidas para o petróleo de Baku.

Nos anos 20, a Geórgia era «*a base principal das operações imperialistas da Inglaterra e França.*»¹⁵³

Setenta anos de poder soviético no Cáucaso haviam cortado «*as garras rapaces*» das potências imperialistas, até que, em 1991, um Gorbatchov no Krémelin e um Chevardnádze em Tiflis abriram de novo o Cáucaso às potências imperialistas. E se Stalingrado obrigou à retirada das tropas fascistas alemãs do Cáucaso, hoje o

¹⁵¹ SW 4/360. [«A situação no Cáucaso, entrevista com o jornalista do jornal *Pravda*», *Pravda* n.º 269, de 30 de Novembro de 1920, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 4, p. 408. (N. Ed.)]

¹⁵² Idem, ibidem. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

¹⁵³ Idem, ibidem, p. 360 – 362. [Idem, ibidem, pp. 409-410. (N. Ed.)]

Bundeswehr tem de novo um contingente, ainda que pequeno e provisoriamente, na Geórgia, ao lado das tropas dos EUA. (Março de 2003, UH)

É possível que os imperialistas alemães e estrangeiros e os seus berloques revisionistas nos chamados partidos «de esquerda» se assustem quando na Rússia se ouvem vozes que querem mudar de novo o nome de Volgogrado para Stalingrado. Para o imperialismo alemão, e não só alemão, Stalingrado continua a ser um mau presságio.

No artigo «Sobre a questão da estratégia e tática dos comunistas russos», publicado no *Pravda* em Março de 1923, por ocasião do 25.º aniversário da fundação do PCR(b), e depois reproduzido em vários outros órgãos da imprensa partidária, Stáline retira conclusões teóricas de um quarto de século de luta de classes do partido e, designadamente, da Guerra Civil e de Intervenção. Nas alíneas «3. A estratégia» e «4. A tática», em que aborda principalmente as experiências da guerra, salienta-se o facto de Stáline ligar estreitamente a estratégia e a tática política com a militar, comparando-as.

As suas conclusões teóricas coincidem com as afirmações da teoria militar de Clausewitz, ainda que não verbalmente. A tarefa mais importante da estratégia é «*a definição da direcção fundamental na qual deve seguir o movimento da classe operária e na qual é mais vantajoso para o proletariado assestar o golpe principal contra o adversário para alcançar os objectivos definidos no programa.*»¹⁵⁴

Diferente da estratégia enquanto «definição da direcção fundamental» é o «plano da estratégia» enquanto «*plano da organização do golpe decisivo numa direcção em que o golpe pode dar com maior probabilidade o máximo de resultados.*»¹⁵⁵

Isto é válido quer para a estratégia militar quer para a estratégia política. Do contexto resulta que pertence à política a «*definição da direcção fundamental*», à qual se deve subordinar a estratégia militar. Na terminologia de Clausewitz, a política enquanto «*fim*» determina a estratégia militar enquanto «*meio*» para alcançar o objectivo político. Naturalmente que esta determinação tem lugar num grau muito elevado de abstracção, uma forma pura na qual não cabe a realidade da guerra. É a «lógica» da guerra.

A tática enquanto «*parte da estratégia*» deve «*subordinar-se-lhe*». Ela «*não se relaciona com a guerra no seu conjunto, mas sim com os seus episódios particulares, com os combates, com as batalhas. Se a estratégia procura ganhar a guerra ou conduzir até ao fim, digamos, a luta contra o tsarismo, então a tática, pelo contrário, visa ganhar esta ou aquela batalha, este ou aquele combate, realizar com êxito esta ou aquela campanha, esta ou aquela intervenção, que correspondem em menor ou maior grau à situação concreta da luta num dado momento.*»¹⁵⁶

O exposto corresponde no essencial ao conceito de Clausewitz de «luta». Neste conceito Clausewitz também omitiu em parte as batalhas. As batalhas (lutas) não

¹⁵⁴ SW 5/141-158. [«Sobre a questão da estratégia e tática dos comunistas russos», publicado no *Pravda* n.º 56, em 14 de Março de 1923, I.V. Stáline, ed. cit., tomo 5, p.163. (N. Ed.)]

¹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 144. [Idem, ibidem. (N. Ed.)]

¹⁵⁶ Idem, ibidem, p. 146. [Idem, ibidem, p. 166. (N. Ed.)]

decorrem de acordo com leis abstractas da condução da guerra, da «lógica», mas dependem de vários factores – da «situação concreta» que Stáline refere, e inclusive do acaso.

Assim Clausewitz considera: «A condução da guerra é então, portanto, a disposição e a direcção da luta. Se esta luta fosse um único acto, não haveria nenhuma razão para uma divisão ulterior; mas a luta é constituída por um número mais ou menos vasto de actos únicos, fechados em si próprios, a que chamamos batalhas, (...) e que formam novas unidades. Daqui resulta então a actividade muito diferente de dirigir e ordenar em si estas batalhas e ligá-las entre si para a finalidade da guerra. A uma foi chamada tática, à outra estratégia.»¹⁵⁷

Segue-se a sua definição: «De acordo com a nossa divisão, portanto, a tática é o ensinamento sobre o uso das forças armadas na batalha, a estratégia é o ensinamento sobre o uso da batalha na luta pelo objectivo da guerra.»¹⁵⁸ E o objectivo da guerra é determinado pela política.

Da relação entre a estratégia e a tática, Stáline deduz que os «resultados» das acções táticas não devem ser «avaliados por si próprios, do ponto de vista do efeito imediato, mas do ponto de vista dos objectivos e possibilidades da estratégia.»¹⁵⁹ Êxitos táticos podem facilitar a concretização de objectivos estratégicos, mas não obrigatoriamente. Neste contexto, Stáline aprofundou mais uma vez a guerra dos senhores polacos contra a República Soviética (1920) e a Paz de Brest:

«Ocorrem também momentos em que êxitos táticos, que são brilhantes pelos seus efeitos imediatos mas não correspondem às possibilidades estratégicas, criam uma situação “inesperada” e desastrosa para toda a campanha. Essa foi a situação de Deníkine no final de 1919, quando, entusiasmado com o êxito fácil do rápido e espectacular avanço sobre Moscovo, estendeu a sua frente desde o Volga até ao Dniepr, e preparou assim o descalabro dos seus exércitos. Essa foi a situação em 1920, durante a guerra contra a Polónia, quando nós, subestimando a força do elemento nacional na Polónia e entusiasmados com o êxito fácil de um avanço espectacular, assumimos o objectivo superior às nossas forças de penetrar na Europa através de Varsóvia e colocámos a esmagadora maioria da população polaca contra as tropas soviéticas, criando desse modo uma situação que anulou os êxitos das tropas soviéticas em Minsk e Jítomir e socavou o prestígio do poder soviético no Ocidente.

«Finalmente ocorrem ainda momentos em que se tem de abdicar do êxito tático e aceitar conscientemente desvantagens e perdas para garantir vantagens estratégicas no futuro. Isto acontece frequentemente na guerra quando um dos lados, desejando salvar o quadro das suas tropas e preservá-las dos golpes das forças superiores do adversário, inicia uma retirada planeada e entrega sem combate cidades e regiões inteiras para ganhar tempo e reunir forças para novos combates decisivos no futuro. Essa foi a situação na Rússia em 1918, durante a ofensiva alemã, quando o nosso partido foi obrigado a aceitar a Paz de Brest, que representou uma enorme desvantagem do ponto de vista do efeito político imediato nessa altura, para manter a

¹⁵⁷ Carl von Clausewitz, *Da Guerra*, Primeira Parte, Primeiro Livro, I Capítulo, Edição de Jubileu, Janeiro de 2003, conforme primeira edição de 1832 e segunda edição de 1853, Munique, 2003, p. 92.

¹⁵⁸ Idem, ibidem, p. 93.

¹⁵⁹ SW 5/146. [Idem, ibidem, pág.166. (N. Ed.)]

aliança com o campesinato sequioso de paz, obter uma pausa, criar um novo exército e desse modo vantagens estratégicas no futuro.

Dito de outro modo: a tática não pode submeter-se a interesses transitórios do momento, não pode guiar-se por considerações de efeitos políticos imediatos e, mais ainda, não deve afastar-se da terra e construir castelos no ar – a tática deve ser elaborada em conformidade com os objectivos e possibilidades da estratégia.

A tarefa da tática, guiando-se pelas directrizes da estratégia e tendo em conta a experiência da luta revolucionária dos operários de todos os países, consiste antes de mais na definição das formas e métodos de luta que correspondem em maior grau à situação concreta de luta em cada dado momento.¹⁶⁰

Na primeira parte sobre as «bases teóricas» deixei em aberto se e com que profundidade Stáline já conhecia a obra *Da Guerra* em 1918. Concluindo este capítulo pode afirmar-se: conhecendo ou não nessa altura a obra de Clausewitz, actuou de acordo com as suas afirmações. Não é de excluir que Stáline, considerando os seus conhecimentos sobre materialismo histórico e as suas capacidades analíticas, tenha, por caminhos empíricos, chegado por si próprio aos mesmos conhecimentos que Clausewitz.

¹⁶⁰ Idem, ibidem, p.147 e seg. Sobre a estratégia e a tática ver também *Pequeno Dicionário Político*, 3ª ed. revista, Dietz Verlag, Berlim, 1978, p. 888 e seg.

Índice de Nomes

(acrescentado pela edição portuguesa)

Antónov, Aleksei Innokéntievitch (1896-1962), membro do partido desde 1928. Oficial militar na I Guerra, ingressou no Exército Vermelho em 1919, exercendo funções docentes na Academia Militar Frúnze entre 1938 e 1941. Na II Guerra é nomeado chefe do Estado-Maior de várias frentes, participa nas conferências de Ialta e de Potsdam. Em 1945 é nomeado chefe do Estado-Maior General e membro do Estado-Maior do Comando Supremo. Em 1955 é chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia.

Barclay de Tolly, Michael Andreas, nome russo Mikhail Bogdánovitch (1761-1818), foi marechal e ministro de Guerra da Rússia durante a invasão napoleónica, em 1812, e as subsequentes campanhas do exército russo na Europa. Na etapa inicial da guerra foi comandante supremo das forças armadas, sendo depois substituído por Kutúzov.

Budiónni, Semión Mikháilovitch (1883-1973), membro do partido desde 1919, do CC (1934-52), candidato (1952-54). Participou na guerra russo-nipónica e na I Guerra. Foi o fundador do primeiro Exército de Cavalaria da URSS. Recebeu as mais altas condecorações pelos serviços prestados na Guerra Civil. Comandante da Região Militar de Moscovo em 1937, integra o Estado-Maior durante a II Guerra e comanda várias frentes até 1942. Em 1954 é aposentado.

Bukhárine, Nikolai Ivánovitch (1888-1938), membro do partido desde 1906, do CC (1917-34), candidato (1934-37), do *Politburo* (1924-29), candidato desde 1919. Economista e publicista, liderou os «comunistas de esquerda» após a Revolução de Outubro, opondo-se ao Tratado de Paz de Brest-Litovsk. Protagoniza a partir de 1929 a corrente de direita que se opõe à colectivização e industrialização acelerada. Expulso do Partido em 1937, é detido nesse ano,

sendo julgado e condenado a fuzilamento em 1938 no âmbito do processo do «Bloco Trotskista de Direita», que se propunha restabelecer as relações de produção capitalistas na Rússia.

Chápochnikov, Boris Mikháilovitch (1882-1945), membro do partido desde 1930, candidato do CC desde 1939. Oficial no exército tsarista, entra voluntariamente para o Exército Vermelho em 1918, sendo condecorado em 1921 pelo seu papel na Guerra Civil. Ajudante do Chefe de Estado-Maior (1921-25), comandou as regiões militares de Leningrado e Moscovo (1925-28) e foi chefe do Estado-Maior (1928-31), chefe do Estado-Maior General do Exército Vermelho (1937-40) e vice-comissário da Defesa (1940-41). Mal a guerra rebenta é novamente nomeado chefe do Estado-Maior General (Julho/41-Junho/43). Ocupa depois o cargo de chefe da Academia Militar do Estado-Maior, falecendo, vítima de doença grave, 44 dias antes da Vitória.

D'Abernon (visconde de), Edgar Vincent, (1857-1941), político conservador, diplomata e escritor britânico, integrou a missão conjunta dos aliados na Polónia em 1920, durante a guerra russo-polaca, cuja experiência descreveu no livro *The eighteenth decisive battle of the world: Warsaw*, 1920 (1931) («Varsóvia: a décima oitava batalha decisiva do mundo»).

Deníkine, Anton Ivánovitch (1872-1947), tenente-general, foi um dos principais chefes do exército branco desde a sua formação. Em 1918, após a morte de Kornílov, torna-se o chefe supremo das forças brancas do Sul da Rússia. Emigra em 1920, residindo inicialmente em França e, após a II Guerra, nos EUA, onde vem a falecer de ataque cardíaco.

Dzerjinski, Feliks Edmúndovitch (1877-1926), membro do partido desde 1895, do CC em 1907 e a partir de 1917, candidato do *Politburo* (1924). Foi um dos dirigentes da revolução de 1905-07. Preso e exilado durante vários anos, integrou o Centro Militar Revolucionário do

partido na Revolução de Outubro. Em 1917 torna-se presidente da Comissão Extraordinária de Toda a Rússia (*Tcheka*) e comissário para os Assuntos Internos (1919-23).

Erdéli, Ivan Grigórievitch (1870-1939), general de Cavalaria, foi um dos fundadores do Exército de Voluntários branco. Comandante do 11.º Exército (1917), participou no golpe de Kornílov, tendo então sido preso e demitido. Foge para o Don onde se torna um dos chefes das forças brancas. Em 1920 emigra para França aí fixando residência.

Frúnze, Mikhail Vassílievitch (1885-1925), membro do partido desde 1904, do CC desde 1921 e candidato do *Politburo* em 1924. Destacou-se como chefe militar do Exército Vermelho durante a guerra civil. Em 1924 é nomeado comissário para os Assuntos Militares e Navais da URSS e, no ano seguinte, presidente do Conselho Militar Revolucionário da URSS. Falece subitamente após uma operação a uma úlcera no estômago.

Gai, Gaia Dmítrievitch, verdadeiro nome Gaik Bjichkian, (1887-1937) arménio, membro do partido desde 1918, comandou a 24ª Divisão de Atiradores e o I Exército da Frente Oriental. Durante a guerra russo-polaca comandou o 3.º Corpo de Cavalaria, que interveio com êxito no flanco direito da frente ocidental e cobriu a retirada do 4.º Exército em Agosto de 1920. Em 1922 foi nomeado comissário da Guerra e do Mar da Arménia, seguindo depois a carreira docente em História e Ciência Militar, tornando-se professor da Academia Militar Júkovski em 1933.

Iudénitch, Nikolai Nikoláievitch (1862-1933), general de infantaria (1915), foi o principal líder da contra-revolução no Noroeste da Rússia. Em 1918 emigrou para a Finlândia, a seguir para a Estónia, onde em Julho de 1919 encabeçou o exército de guardas brancos do Noroeste que atacou Petrogrado, integrando igualmente o governo do Noroeste formado em colaboração com a Grã-Bretanha. Após o fracasso da campanha contra Petrogrado (Out.-

Nov. de 1919), emigra para a Inglaterra e depois para França onde falece.

Janin, Maurice (1862-1946), general francês responsável pelo contingente militar na Rússia durante a I Guerra e a guerra civil. Foi comandante-em-chefe do corpo checoslovaco e das tropas da Entente na Rússia.

Kámenev, Lev Boríssovitch, verdadeiro apelido Rosenfeld, (1883-1936), membro do partido entre 1901 e 1927, 1928-32 e 1933-34, do CC entre 1917 e 1918 e 1919-27, do *Politburo* em 1917 e entre 1919 e 1925 (candidato em 1926). Tal como Zinóviev opôs-se à insurreição armada de 25 de Outubro (7 Novembro) de 1917. Apesar disso, logo após a revolução ocupa por um breve período o posto de chefe de Estado, como presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia, entre 27 Outubro (9 Novembro) e 8 (21) de Novembro de 1917. Torna-se um dos líderes da oposição entre 1925 e 1927. Em 1927 é expulso do partido. Reintegrado no ano seguinte volta a ser expulso em 1932, ano em que é exilado. Em 1933 é de novo admitido no partido, mas em Dezembro de 1934 é preso e julgado. Depois de vários processos, é condenado e executado em 1936 no âmbito do processo do «Centro Trotskista-Zinovievista».

Kámenev, Serguei Serguéievitch (1881-1936), oficial do exército tsarista, ingressou no Exército Vermelho em 1918, comandando a frente Leste entre Setembro de 1918 e Julho de 1919. É então nomeado comandante-em-chefe das Forças Armadas, cargo que exerce até 1924. Desempenhou depois várias altas funções no exército e no Estado, tendo sido nomeado vice-comissário dos Assuntos Militares e Marítimos (1927-1934). Em 1930, no XVI Congresso do PCU(b) entra para o partido. Explorador do Ártico, deixou vários trabalhos sobre a história da guerra civil e a construção do Exército Vermelho. Faleceu em 25 de Agosto de 1936 vítima de ataque cardíaco.

Kérenski, Aleksandr Fiódorovitch (1881-1970), de origem nobre, foi ministro e ministro-presidente do governo provisório. Um dos líderes da maçonaria russa e socialista-

revolucionário, emigrou em 1918 para França e instalou-se nos EUA em 1940, desenvolvendo uma intensa actividade anti-soviética. Faleceu em Nova Iorque.

Kollontai, Aleksandra Mikháilovna (1872-1952), membro do partido desde 1915, participante na Revolução de Outubro em Petrogrado. Membro do CC desde 1917, foi Comissária do Povo entre 1917 e 1918. Aderiu aos «comunistas de esquerda» em 1918 e à «oposição operária» entre 1920 e 1922. Foi a primeira mulher embaixadora no mundo. Representante de Negócios da URSS na Noruega (1923), no México (1926), embaixadora na Suécia (1930-1945).

Koltchak, Aleksandr Vassílievitch (1874-1920) almirante da armada imperial, dirigiu o movimento contra-revolucionário no Leste da Rússia. Após a Revolução de Outubro ingressa no exército britânico e, nessa qualidade, participa na formação de forças militares brancas na Manchúria. Comandante dos exércitos brancos da Sibéria auto-intitula-se regente supremo da Rússia em Novembro de 1918. Após ser derrotado, em Dezembro de 1919, é capturado e fuzilado pelo Exército Vermelho.

Kon, Feliks Iákovlevich (1864-1941), revolucionário polaco, adere ao partido *Proletariat* em 1882. É preso em 1884 e deportado por oito anos no Transbaikal e na Sibéria oriental. Em 1904 adere à ala esquerda do Partido Socialista Polaco. Participa na revolução de 1905-07 em Petersburgo. Internacionalista na I Guerra, torna-se dirigente da alta esquerda do Partido Social-Democrata da Suíça (1914-17). Regressa a Petrogrado em Maio de 1917, tornando-se membro do PCR(b) (1918) e um dos membros fundadores do PC da Polónia em Dezembro do mesmo ano. Integra o colégio do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia Soviética (1919) e o *bureau* polaco adjunto ao CC do PCR(b) entre 1919 e 1930. Entre Julho e Agosto de 1920 fez parte do Comité Revolucionário Provisório da Polónia. Foi membro do Comité Executivo do *Komintern* (1922-23) e da Comissão de Controlo Internacional (1924-35). Foi redactor de uma

série de jornais e revistas soviéticas e autor de várias obras sobre história do movimento revolucionário russo e polaco.

Kúibichev, Valeriáne Vladímirovitch (1888-1935), membro do partido desde 1904, do CC entre 1922 e 1923 e a partir de 1927, (candidato 1921-1922), do *Politburo* desde 1927. Responsável pela organização de Samara em 1917, aproxima-se dos «comunistas de esquerda» e opõe-se à paz de Brest. Integra o Conselho Militar Revolucionário durante a guerra civil, comissário da Inspeção Operária e Camponesa (1923-26), presidente do Conselho Superior da Economia Nacional da URSS (1926-30), presidente do *Gosplan* (1930-34).

Kun, Béla (1886-1938), um dos fundadores do Partido Comunista da Hungria, foi comissário dos Negócios Estrangeiros em 1919, na efémera República Soviética da Hungria. Em 1920 combate na guerra civil na Rússia nas fileiras do Exército Vermelho, chegando a ser nomeado presidente do Conselho Militar Revolucionário da Crimeia. A partir de 1921 integra o Comité Executivo do *Komintern*. É preso em 1937, confessa-se culpado na organização de actividades anti-soviéticas. O Colégio Militar do Tribunal Supremo da URSS condena-o a fuzilamento em 1938.

Kutúzov, Mikhail Illariónovitch Goleníchev (1759-1813), discípulo de Suvórov, foi comandante supremo das forças armadas russas (1912), tendo derrotado os exércitos de Napoleão, na Guerra Pátria de 1812-13, e libertado a Polónia e a Alemanha da ocupação francesa. Faleceu na cidade alemã de Bunzlau, na baixa Silésia (actual Polónia), vítima de um resfriamento, em 28 de Abril.

Latsis, Martine Ivánovitch (verdadeiro nome Ian Fridríkhovitch Sudrabs (1888-1938), membro da organização social-democrata do Krai da Letónia desde 1905. Em 1916 integra o comité de Petrogrado do POSDR(b) e, após Outubro, o Comité Militar Revolucionário, o Colégio do Comissariado dos Assuntos Internos (*NKVD*) e da *Tcheca*. A partir de 1921 é transferido para a administração económica,

trabalhando no Comissariado da Agricultura, entre outros. Em 1937 é preso e acusado de pertencer a uma organização contra-revolucionária nacionalista, sendo condenado a fuzilamento em 1938.

Mai-Maévski, Vladímir Zenónovitch, (1967-1920) tenente-general (1917), aderiu ao exército de voluntários brancos em Março de 1918, de que se torna comandante entre Abril e Novembro de 1919, altura em que é afastado depois de ser batido pelo Exército Vermelho em Tula e de Oriol. Veio a morrer de enfarte cardíaco, um ano mais tarde, em Sebastópol, quando se preparava para embarcar.

Makhno, Néstor Ivánovitch (1889-1934) um dos cabecilhas da contra-revolução na Ucrânia durante a Guerra Civil. Aderiu a um grupo de anarquistas durante a revolução de 1905-07, participou em actos terroristas, sendo condenado em 1909 pelo assassinato de um polícia. Libertado pela revolução de Fevereiro, forma em Abril de 1918 um destacamento armado contra os ocupantes austro-húngaros. Combateu os brancos e os nacionalistas ucranianos de Petliura, mas também o Exército Vermelho. Em 1921, as suas forças convertem-se em bandos de ladrões e assassinos. Em Agosto desse ano foge para a Roménia e vem mais tarde a instalar-se em França.

Marchlewski, Julian Baltazar (1866-1925), revolucionário polaco desde os anos 80, foi um dos fundadores da Social-Democracia do Reino da Polónia. Exilado na Alemanha desde 1896, colabora com Lénine na organização do jornal *Iskra*. Delegado ao V Congresso do POSDR (1907) é eleito candidato do CC. Internacionalista nos anos da I Guerra, participa na formação do grupo *Spartak*. É preso em 1916 e encerrado num campo de concentração, sendo libertado em 1918 a pedido do governo soviético. Membro do Comité Executivo Central de Toda a Rússia (1918) participou na criação do *Komintern*. Em 1919 trabalha no PC da Alemanha, integrando o Comité Central. Em 1920 integra o *bureau* do PC da Polónia, adjunto ao CC do PCR(b) e torna-se presidente do Comité Revolucionário Provisório da Polónia.

Doutorado em Economia, desempenha funções docentes a partir de 1922. É autor de várias obras sobre o movimento revolucionário, história da Polónia e de memórias sobre Lénine.

Piatakov, Gueórgui Leonídovitch (1890-1937), anarquista durante a revolução de 1905-07, aderiu ao partido em 1910. Membro do CC (1923-27 e 1930-36), interveio contra as «Teses de Abril» de Lénine. Mais tarde torna-se um dos líderes dos «comunistas de esquerda» e manifesta-se contra a introdução da *NEP*. Após a morte de Lénine, apoia Trótski contra Stáline. Ocupou vários cargos de responsabilidade nos órgãos de poder soviético, nomeadamente como presidente do Banco Estatal da URSS (1930) ou vice-comissário da Indústria Pesada (1934). Preso em 1936, é julgado em 1937 no processo do «Centro Trotskista Paralelo Anti-Soviético» e condenado a fuzilamento.

Pilsudski, Józef Klemens (1867-1935), nacionalista polaco, preso em 1887 pela preparação de um atentado contra o tsar Alexandre III. Aderiu ao Partido Socialista Polaco (PSP) em 1892. Na revolução de 1905-07 opôs-se à acção conjunta do proletariado polaco e russo e criou grupos de combate terroristas. Forma em 1906 a facção nacionalista no PSP. Comandou a Legião Polaca que combateu na Rússia ao lado dos austro-húngaros. Em 1918 foi proclamado «ditador do Estado» com o apoio da ala direita do PSP. Reprimiu o movimento revolucionário e instaurou por golpe militar em 1926 o regime de «sanatório», mantendo-se quase até à morte na liderança do país.

Plekhánov, Gueórgui Valentínovitch (1856-1918), teórico e propagandista do marxismo, filósofo e destacado dirigente do movimento revolucionário russo. Foi um dos fundadores do Partido Operário Social-Democrata da Rússia e do jornal *Iskra*. Mais tarde junta-se aos mencheviques, adoptando uma posição social-chauvinista na I Guerra. Após a Revolução de Fevereiro de 1917, combate os bolcheviques e opõe-se à revolução socialista.

Preobrajénski, Evguéni Alekséievitch (1886-1937), membro do partido desde 1903, do

CC entre 1920-21, candidato (1917-18). Economista, um dos líderes da «oposição de esquerda», defendeu Trótski na discussão sobre os sindicatos (1920-21), tornando-se membro activo da oposição trotskista a partir de 1923. É expulso do partido em 1927 pela organização de uma tipografia clandestina antipartido. Após a sua ruptura pública com Trótski, é readmitido em 1930. Em Janeiro de 1933 é de novo expulso, preso e condenado a três anos de exílio no processo do «Grupo Contra-Revolucionário Trotskista de Smírnov». Todavia, após manifestar por escrito o seu arrependimento, volta a ser reintegrado nas fileiras do partido em Dezembro do mesmo ano. A reincidência em actividades contra-revolucionárias motiva a sua expulsão definitiva em 1936. Tendo confessado a sua participação na organização clandestina, é condenado e executado no ano seguinte.

Próchniak, Edward (1888-1937), revolucionário polaco, membro da Social-Democracia do Reino da Polónia e Lituânia (1903) e do PC da Polónia desde 1918. Preso e deportado várias vezes, em 1911 vai para Paris estudar na escola do partido dirigida por Lénine. Participou na Revolução de Outubro e integra a secção militar do PC da Polónia (1918-19). Membro do Comité Revolucionário Provisório (1920), integrou a partir de 1925 o *Politburo* do CC do PC da Polónia e o Comité Executivo do *Komintern* (1922-1937).

Rádek, Kark Berngárdovitch, verdadeiro apelido Sobelson, (1885-1939), adere ao Partido Socialista Polaco em 1902, ao POSDR em 1903 e, no ano seguinte, ao movimento social-democrata do Reino da Polónia e da Lituânia. Em 1917 junta-se aos bolcheviques, é eleito para o CC (1919-24), mas milita no grupo dos «comunistas de esquerda» que se opõem ao tratado de Brest-Litovsk. Membro do Comité Executivo do *Komintern* (1920-24), torna-se trotskista em 1923. Preso em 1936, é um dos principais arguidos do processo do «Centro Trotskista Paralelo Anti-Soviético». Em Janeiro de 1937 é condenado a dez anos de prisão, onde vem a falecer.

Rodzianko, Aleksandr Pávlovitch (1879-1970), sobrinho de M.V. Rodzianko, oficial do exército tsarista, foi um dos dirigentes da contra-revolução no Noroeste da Rússia, comandando aqui as tropas brancas a partir de Junho 1919, cedendo o posto a Iudénitch em Outubro do mesmo ano, sob cujo comando permanece após o fracasso da ofensiva contra Petrogrado. Emigra em 1920, fixando-se nos EUA.

Revíchine, Aleksandr Petrovitch (1870-1920), militar do exército tsarista desde 1889, participa na guerra russo-nipónica (1904-05) e na I Guerra, tornando-se chefe do estado-maior da 3ª Divisão de Cavalaria Cossaca (1915) e, em 1917, chefe do estado-maior do 2.º Corpo de Cavalaria, sendo então nomeado major-general. Coloca-se ao serviço do exército de Skoropádski, que toma o poder na Ucrânia, transferindo-se após a sua derrocada para as forças brancas. Em 27 de Maio de 1920 foi feito prisioneiro pelo Exército de Cavalaria de Budiónni e executado.

Serguéiev, Fiódor Andreiévitch, conhecido por Artióme, (1883-1921), membro do partido desde 1901, do CC entre 1917 e 1918 e 1920 e 1921. Dirigiu a insurreição armada em Khárkov em 1905, foi presidente do Conselho Militar Revolucionário (1917), presidente do Conselho de Comissários da República de Donetsk-Krivorojki (1918), mais tarde integrada na República da Ucrânia, secretário do Comité de Moscovo do partido (1921-21).

Skvortsov-Stepánov, Ivan Ivanovitch (1870-1928), membro do partido desde 1896, do CC a partir de 1925. Integrou o primeiro governo soviético como Comissário das Finanças. Em 1918 apoiou os «comunistas de esquerda», opondo-se à paz de Brest-Litovsk. Tradutor e editor de *O Capital* de K. Marx, autor de várias obras sobre a história do movimento revolucionário, foi redactor do jornal *Izvéstia* (1917) e chefe de redacção adjunto do *Pravda* (1927).

Smírnov, Vladímir Mikhaílovitch (1887-1937), participante na revolução de 1905-07, adere ao partido em 1907. Em Outubro de 1917 é um dos dirigentes da revolta armada em Moscovo. Em 1918 torna-se Comissário do Povo da Indústria e Comércio. Entre outros postos, integra o *presidium* do *Gosplan*. Em 1927, no XV Congresso é expulso e enviado para os Urais. Em 1935 é preso enquanto líder de uma organização contra-revolucionária clandestina. Em 1937 é julgado e condenado a fuzilamento.

Sokólnikov, Grigóri Iákovlevitch (1888-1939), membro do partido desde 1905, do CC entre 1917 e 1919, candidato (1930-36), e do *Politburo* em 1917, candidato (1924-25). Depois da Revolução de Outubro desempenhou vários cargos partidários e governamentais. Expulso em 1936, é julgado por actividades contra-revolucionárias e condenado a dez anos de prisão, onde foi assassinado por um recluso.

Suvórov, Aleksandr Vassílievitch (1729-1800), famoso generalíssimo russo, considerado até hoje um dos grandes estrategos da modernidade. Participou na Guerra dos Sete Anos (1756-63), na campanha militar contra a Confederação Polaca de Bar (1768-72), na guerra russo-turca (1768-74), combateu na Ucrânia e na Crimeia, na guerra russo-turca (1787-91), na insurreição da Polónia (1794) e 2ª Guerra da Coligação (1799-1801).

Sverdlov, Iákov Mikhaílovitch (1885-1919), membro do Partido desde 1901, do CC desde 1912, dirigiu o secretariado do CC desde 1917, ano em que, por proposta de Lénine, ocupa o posto de Chefe de Estado da Rússia Soviética, enquanto presidente do Comité Executivo Central de Toda a Rússia (VTsIK).

Tchitchérine, Geórgui Vassílievitch (1872-1936), de origem nobre, aproxima-se dos meios revolucionários de Petersburgo nos finais do séc. XIX. Em 1904 emigra e contacta com socialistas-revolucionários e depois com mencheviques, sendo influenciado por Plekhánov. Adere ao POSDR (menchevique) em 1905, mas torna-se igualmente membro do Partido Socialista Britânico e outras organizações de orientação

socialista. Durante a I Guerra assume uma posição internacionalista, o que lhe custa a prisão na Grã-Bretanha por propaganda antiguerra (1917). Em 1918, o poder soviético intercede pela sua libertação trocando-o pelo embaixador britânico na Rússia tsarista. Entra então para o partido dos bolcheviques, sendo de imediato nomeado vice-comissário dos Negócios Estrangeiros (1918), e é já nessa qualidade que participa na assinatura da paz de Brest. Em Abril do mesmo ano substituiu Trótski como comissário dos Negócios Estrangeiros em Abril de 1918, exercendo o cargo até 1930, altura em que o agravamento da doença da diabetes o deixou incapacitado. Membro do CC do partido desde 1925, falava praticamente todas as línguas europeias e ainda várias asiáticas. A sua intensa actividade diplomática deu um importante contributo para quebrar o isolamento internacional da URSS.

Trótski, Lev Davidovitch, verdadeiro apelido Bronstein, (1879-1940), aproxima-se do movimento revolucionário em 1896, ano em que adere à União dos Operários do Sul da Rússia, uma das primeiras organizações sociais-democratas russas. Em 1902 vai para o estrangeiro, conhece Lénine em Londres e integra a redacção do jornal *Iskra*, mas logo em 1903 torna-se menchevique, opondo-se à criação do partido de novo tipo. Na revolução de 1905-07 preside ao Soviete de Petersburgo, cargo que ocupa de novo em 1917, mas só em Agosto desse ano adere ao partido bolchevique com o grupo dos «inter-regionais». Membro do CC (1917-27), do *Politburo* (1919-1926), integrou o primeiro Comissariado do Povo da Rússia em 1917 e foi presidente do Conselho Militar Revolucionário (1918-25). É expulso do partido em 1927 e da URSS em 1929 por actividades anti-soviéticas, que prossegue nos vários países em que vive.

Tukhatchévski, Mikhail Nikoláievitch (1893-1937), membro do partido desde 1918, candidato do CC desde 1934. Chefe militar durante a Guerra Civil, é nomeado vice-comissário para os Assuntos Militares e Marítimos (1931-36), (Comissariado da Defesa a partir de 1934), marechal da União Soviética (1935). Preso em Maio de 1937, é julgado e

condenado à morte por espionagem, traição e preparação de actos terroristas.

Unchlikht, Ióssif Stanislávovitch (1879-1938), membro da Social-Democracia do Reino da Polónia e da Lituânia (1900) e do POSDR desde 1906, candidato do CC desde 1925. Integrou o Soviete de Petrogrado em 1917 e o Comité Revolucionário Provisório da Polónia (1920). Participou na constituição dos órgãos de segurança do Estado Soviético, tornando-se o seu vice-presidente em 1921. Presidente do Conselho Revolucionário Militar (1925-30) e comissário dos Assuntos Militares e Marítimos da URSS, foi ainda responsável pela frota civil (1923-35). Acusado no processo da «organização militar trotskista no Exército Vermelho», é preso em 1938, julgado e condenado à morte.

Vassiliévski, Aleksándr Mikháilovitch (1895-1977), membro do partido desde 1938, do CC (1952-1961). Marechal da União Soviética (1943), coordenou as acções militares em várias frentes na II Grande Guerra. Eleito deputado do Soviete Supremo da URSS (1946-58), foi ministro das Forças Armadas (1949-53) e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS (1953-56).

Vatsetis, Ioakim Ioakímovitch (Jukums Vācietis) (1873-1938), letão, coronel do exército tsarista, colocou-se ao lado do poder soviético durante a Revolução de Outubro. Em Março de 1918 torna-se comandante da divisão letã de atiradores, em Julho, comandante da frente Leste, sendo nomeado em Setembro comandante-em-chefe das Forças Armadas, cargo que ocupa até Julho do ano seguinte. A partir de 1922 lecciona na Academia Militar do Exército Vermelho. Em 1937 é preso acusado de pertencer à «organização fascista letã» no interior do exército. Confessou a sua participação na preparação de um golpe contra-revolucionário, identificando mais de duas dezenas de militares que com ele integravam o grupo fascista. É condenado a fuzilamento em 1938.

Vorochílov, Kliment Efrémovitch (1881-1969), membro do partido desde 1908, do CC

(1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da Guerra Civil, torna-se comissário para os Assuntos militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946), e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60).

Weygand, Maxime (1867-1965), general, comandante-em-chefe das forças armadas francesas em 1940. Em 1920 foi nomeado conselheiro do ditador polaco Józef Pilsudski e comandante da «missão militar francesa», que ajudou o exército polaco na guerra contra a Rússia soviética.

Wrangel, Piotr Nikolaiévitch (1878-1928), de origem nobre, tenente-general (1917), instalou-se na Crimeia, em 1918, onde se junta ao exército voluntário branco. Em Abril de 1920 é escolhido como comandante-em-chefe do chamado exército russo da Crimeia. Após a derrota na Táurida do Norte e na Crimeia cruza a fronteira, levando consigo uma parte do exército.

Zinóviev, Grigóri Evséievitch, verdadeiro nome Evsei-Guerch Arónovitch Radomílski, (1883-1936), membro do partido entre 1901 e 1927, 1928-32 e 1933-34, do CC entre 1912 e 1927 (candidato desde 1907), do *Politburo* em 1917 e entre 1921 e 1926 (candidato desde 1919). Apesar de se ter oposto à insurreição armada de Outubro de 1917, ocupa o cargo de presidente do Soviete de Petrogrado em Dezembro de 1917 e é novamente eleito para o CC em 1918. Preside ao Comité Executivo do *Komintern* entre 1919 e 1926. Em 1927 é expulso do partido e exilado. Reintegrado em 1928, volta a ser expulso em 1932, preso e condenado a quatro anos de exílio. Expressando arrependimento regressa ao partido, mas em Dezembro de 1934 é de novo preso, julgado e condenado. Por fim, é sentenciado à morte em 1936, confessando-se culpado das actividades contra-revolucionárias de que foi acusado.